



Departamento para a Missão e Evangelização
Comissão Episcopal de Pastoral Bíblica



VII SEMANA BÍBLICA NACIONAL

Tema:

**A missão na obra lucana (Evangelho de
Lucas e Atos dos Apóstolos)**



Lema:

**A missão de todos os *batizados*,
para todos.**



Subsídio de Animação Bíblica



13-20 de setembro de 2026



Departamento para a Missão e Evangelização
Comissão Episcopal de Pastoral Bíblica



VII SEMANA BIBLICA NACIONAL

Tema: “A missão na obra lucana (Evangelho de Lucas e Actos dos Apóstolos)”

**Lema: A Missão de todos os batizados,
para todos.**

De 13 – 20 de Setembro de 2026



APRESENTAÇÃO

Caríssimos irmãos,

A Comissão Episcopal de Pastoral Bíblica da Conferência Episcopal de Moçambique tem a alegria de apresentar a **VII Semana Bíblica Nacional (SEBINA)**, que decorrerá de **13 a 20 de setembro de 2026**, envolvendo todas as Arquidioceses, Dioceses, Paróquias, comunidades religiosas, casas de formação e grupos de vida cristã.

Este ano, a nossa reflexão centra-se no tema **“A missão na obra lucana (Evangelho de Lucas e Actos dos Apóstolos)”**, iluminado pelo lema **“A missão de todos os batizados, para todos”**. A SEBINA é um “momento privilegiado de encontro com a Palavra de Deus, de aprofundamento comunitário e de renovação missionária”. Em 2026, somos convidados a mergulhar no dinamismo da missão tal como São Lucas a apresenta: uma missão marcada pelo envio, pela misericórdia, pela inclusão e pela ação do Espírito Santo.

A Semana Bíblica está organizada em torno dos seguintes temas:

13/09 – Eucaristia de abertura da Semana Bíblica Nacional

14/09 – Jesus enviado aos pobres e marginalizados (Lc 4,16-21) – Ir.
LucianaDuarte

15/09 – Discípulos chamados e enviados (Lc 10,1-12) – P. Salvador Bila

16/09 – A missão como misericórdia (Lc 10,25-37) – Pe. Marcos
Mubango

17/09 – O Espírito Santo, força da missão (At 2,1-13) – Pe. Daniel Raul



18/09 – A missão ad gentes: até aos confins da terra (At 13,1-3; 28,30-31) –
Pe. José Joaquim

19/09 – A missão em tempos difíceis (At 16,25-34) – *Pe. Jeremias dos Santos Moisés*

20/09 – Eucaristia de encerramento da Semana Bíblica Nacional

Cada dia oferece uma porta de entrada para compreender como a missão nasce do coração de Jesus, se prolonga no envio dos discípulos, se concretiza na misericórdia, se fortalece no Espírito Santo e se abre à missão *ad gentes*, mesmo em tempos de provação.

Este material foi preparado especialmente para vós, irmãos e irmãs. Desejamos que cada comunidade — famílias, paróquias, casas religiosas, grupos de oração e formação — possa estudar, saborear e rezar a Palavra, deixando que ela reacenda o ardor missionário que o Espírito Santo continua a suscitar na nossa Igreja.

Que esta VII SEBINA seja para todos um tempo de graça, de escuta e de envio. Que a Palavra de Deus nos ajude a ser discípulos missionários, testemunhas da misericórdia e servidores da esperança, hoje.

Com estima fraterna em Cristo Missionário,

Comissão Episcopal da Pastoral Bíblica – CEM



INTRODUÇÃO

A Palavra de Deus é sempre um convite a recomeçar. Cada vez que a Igreja se reúne para escutar, meditar e celebrar a Escritura, renova-se nela a certeza de que Deus continua a falar, continua a chamar, continua a enviar. A Semana Bíblica Nacional de 2026 insere-se neste movimento de graça: é um tempo para regressar às fontes, para deixar que a Palavra reacenda o coração e para redescobrir que a missão não é uma tarefa entre outras, mas a própria respiração da vida cristã.

Este livrinho nasce com o desejo de acompanhar esse caminho. Não pretende ser um tratado exegético nem um manual de pastoral; quer ser, antes, um instrumento humilde e fecundo, capaz de ajudar cada leitor a entrar no dinamismo missionário que atravessa o Evangelho de Lucas e os Atos dos Apóstolos. São Lucas, médico e evangelista, é talvez o narrador que mais profundamente compreendeu que a Igreja é um corpo em movimento, guiado pelo Espírito e enviado ao mundo. A sua escrita é marcada por encontros, viagens, rupturas, surpresas, resistências e aberturas. Nada fica estático; tudo é chamado a avançar.

Os temas escolhidos para esta Semana Bíblica formam um itinerário coerente e progressivo, que acompanha o próprio desenvolvimento da missão cristã. Começamos em Nazaré, onde Jesus lê o rolo de Isaías e proclama: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu e me enviou". É significativo que a missão de Cristo se inaugure num contexto de simplicidade e de proximidade, no seio da sua própria comunidade. Ali, diante de rostos conhecidos, Jesus revela que a Boa Nova é para os pobres, os cativos, os cegos e os oprimidos. A missão nasce no coração das fragilidades humanas. É ali que Deus quer



estar; é ali que a Igreja deve permanecer. A missão não começa nos grandes centros, mas nos lugares onde a vida sofre e espera.

O segundo tema leva-nos ao envio dos setenta e dois. Lucas mostra que Jesus não envia especialistas, mas discípulos; não envia solitários, mas irmãos; não envia pessoas perfeitas, mas homens e mulheres disponíveis. A missão é sempre comunitária. Parte-se dois a dois, porque o Evangelho não se anuncia apenas com palavras, mas com a vida partilhada, com a fraternidade visível, com a confiança de que o Senhor caminha à frente. A missão não é uma estratégia pastoral; é um gesto de fé. Quem parte, parte porque acredita que Deus já está no caminho.

O terceiro tema apresenta-nos a parábola do Bom Samaritano, talvez o texto mais luminoso de toda a literatura bíblica sobre a misericórdia. Aqui, a missão ganha carne e rosto. Não basta saber; é preciso aproximar-se. Não basta ver; é preciso parar. Não basta sentir compaixão; é preciso agir. O missionário é aquele que se deixa tocar pelas entranhas de Deus, que não passa ao largo, que reconhece no ferido o irmão que lhe foi confiado. A missão cristã não se mede pelo número de atividades, mas pela capacidade de transformar sofrimento em esperança, abandono em proximidade, ferida em caminho de cura. A misericórdia é o nome mais concreto da missão.

O quarto tema conduz-nos ao Cenáculo, onde o Espírito Santo irrompe como força criadora e renovadora. Sem o Espírito, a missão torna-se peso; com o Espírito, torna-se fecundidade. Ele é quem abre portas, quem derruba muros, quem faz da Igreja um corpo capaz de falar todas as línguas e de entrar em todas as culturas. O Pentecostes não é apenas um acontecimento passado; é a condição permanente da vida da Igreja. Cada comunidade, cada família,



cada discípulo é chamado a viver “em Pentecostes”, isto é, na docilidade ao Espírito que envia, inspira, corrige, consola e recria.

O quinto tema leva-nos ao coração da missão *ad gentes*. Lucas mostra que o Evangelho não conhece fronteiras. A Palavra corre, avança, atravessa mares, entra em cidades, transforma culturas. Paulo, mesmo acorrentado, anuncia “sem impedimento”. Este paradoxo é o centro da missão cristã: as correntes podem prender os mensageiros, mas nunca conseguem prender o Evangelho. A Palavra é livre, imparável, viva. A missão não termina em Roma; continua hoje, nas nossas comunidades, nas nossas dioceses, nas nossas famílias, nas nossas mãos.

Finalmente, o sexto tema convida-nos a contemplar a missão em tempos difíceis. Em Atos 16, Paulo e Silas anunciam o Evangelho no meio da noite, feridos, aprisionados e aparentemente derrotados. Contudo, é precisamente ali — na escuridão da prisão — que a Palavra se revela como força libertadora. O cântico dos missionários torna-se anúncio; o tremor da terra torna-se sinal; a conversão do carcereiro torna-se fruto. Lucas mostra que a missão não depende das circunstâncias favoráveis, mas da fidelidade ao Espírito que age mesmo quando tudo parece fechado. A missão cristã floresce também na adversidade, porque Deus não abandona aqueles que O anunciam.

Este livrinho pretende ser um companheiro de caminho para todos os que desejam aprofundar a sua vocação missionária. Não oferece respostas fechadas, mas abre horizontes; não pretende substituir o estudo bíblico, mas despertar o desejo de o aprofundar; não quer apenas informar, mas formar; não se limita a explicar a missão, mas procura reacender o ardor missionário que tantas vezes se esconde sob o peso das preocupações pastorais.



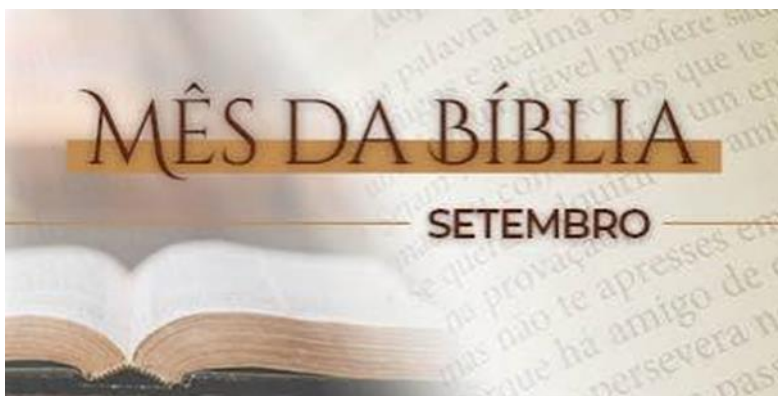
Departamento para a Missão e Evangelização
Comissão Episcopal de Pastoral Bíblica



Que estas páginas ajudem cada leitor a redescobrir a beleza da missão, a força da Palavra e a alegria de ser enviado. Que a Igreja em Moçambique continue a crescer como Igreja viva, próxima, misericordiosa e em saída, fiel ao Evangelho e atenta às dores e esperanças do nosso povo.

Confiamos esta Semana Bíblica à intercessão de Maria, Mãe da Igreja e primeira discípula missionária, para que nos ensine a guardar, meditar e anunciar a Palavra com coragem, humildade e ternura.

Comissão Episcopal de Pastoral Bíblica – CEM





ROTEIRO GERAL PARA TODOS OS DIAS

De segunda-feira a sábado

1. Abertura do encontro

Canto inicial

Breve silêncio.

Sinal da cruz.

2. Oração Inicial

Senhor Jesus, Palavra viva do Pai, abre o nosso coração para acolher a missão que confias à tua Igreja. Que esta Semana Bíblica nos ajude a reconhecer que a missão é de todos e para todos: para cada família, cada comunidade, cada discípulo. Envia-nos o teu Espírito, para que a tua Palavra nos ilumine, nos converta e nos torne próximos dos pobres, dos feridos, dos excluídos e de todos os que esperam por nós. Ámen.

3. Leitura Bíblica do Dia

Ler pausadamente o texto bíblico correspondente ao tema.

Guardar um breve silêncio.

4. Leitura do Texto Temático

Escolher alguns parágrafos centrais do documento do dia (não é necessário ler tudo).



O animador deve preparar-se bem antes do encontro, lendo o texto do dia e preparando um pequeno resumo para ajudar o grupo a compreender o essencial. A boa preparação garante simplicidade, clareza e profundidade.

5. Silêncio Orante

Interiorização da Palavra: "O que Deus me disse hoje?"

6. Partilha em Grupo

Pergunta 1 — O que me tocou?

Pergunta 2 — O que revela sobre a missão?

(Estas duas perguntas são iguais todos os dias.)

Aprofundar também as perguntas específicas do tema do dia, já presentes nos documentos.

7. Compromisso Concreto

Escolher um gesto concreto para viver a missão, tanto pessoalmente como em grupo (paróquia, família, comunidade, casa religiosa, movimento, etc.), de modo que a Palavra se torne vida e serviço.

8. Momento de Oração Espontânea

Breve tempo para que os participantes apresentem:

- agradecimentos,
- pedidos,
- intercessões,
- situações de missão,



- pessoas necessitadas.

Concluir com o **Pai-Nosso**.

9. Oração Final

Senhor, que a tua Palavra se cumpra hoje na nossa comunidade. Faz-nos compreender que a missão é de todos e para todos: para os pobres, para os jovens, para as famílias, para os que sofrem e para os que perderam a esperança. Fortalece-nos na missão, dá-nos coragem nos tempos difíceis e torna-nos instrumentos da tua misericórdia e da tua paz. Ámen.

10. Oração da Semana Bíblica

11. Envio: "Ide em paz. A Palavra que ouvimos hoje é missão para viver." Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ámen

12. Hino da Semana Bíblica





ABERTURA DA VII SEMANA BÍBLICA

(Domingo, 13 de Setembro de 2026)

Recomenda-se que todos os cristãos levem a Bíblia à missa

Abertura durante a Celebração Eucarística

1. A introdução geral à Missa (onde houver) faça alusão à abertura da VII SEBINA
2. Procissão de entrada com a Bíblia: O sacerdote, os acólitos, e o animador (paroquial, zonal, da comunidade ou o ancião) entram em procissão solene na Igreja ou outro lugar onde se celebra a Eucaristia. O animador (ou ancião) leva a Bíblia e os acólitos o acompanham levando duas velas acesas. Chegados diante do altar, fazem a vênia e o animador ou ancião coloca a Bíblia no lugar devidamente preparado diante do altar. Depois, o sacerdote, os acólitos e toda a comunidade cristã ajoelham-se para venerar a Palavra de Deus durante uns breves instantes, em silêncio. Depois, o sacerdote e os acólitos dirigem-se ao altar.
3. Se as condições o permitirem, durante a incensação do altar o sacerdote incensa também a Bíblia.
4. A homília faça referência à SEBINA e à necessidade de aprofundar, conhecer e viver a missão em Moçambique hoje.
5. Às Orações dos fiéis acrescente-se 1 intenção pela SEBINA.
6. Antes da Bênção final, todos de pé, levantam as suas bíblias, e o sacerdote, com os braços levantados, recita a Oração da SEBINA, e a Missa termina, como de costume, com a bênção final.



Abertura em Família/Comunidade Religiosa/outras grupos

1. Preparar um pequeno altar dentro de casa, no lugar onde vai acontecer a oração de abertura da SEBINA.
2. O momento de oração começa em frente à porta de entrada, com o sinal da cruz e um canto missionário. Depois, uma pessoa leva a Bíblia acompanhada de uma vela e todos permanecem de pé em frente à porta fechada durante breves instantes, em silêncio.
3. Depois, o mais velho da família abre a porta em gesto de acolhimento da Palavra de Deus em sua casa, e a Bíblia entra em casa e é colocada sobre o altar previamente preparado.
4. Depois, entoa-se um canto de perdão, e lê-se o texto de Lc 4:18-19.
5. Depois da leitura segue-se o momento de partilha.
6. Canto
7. Preces espontâneas
8. Ave Maria
9. Pai-Nosso
10. Todos levantam as suas Bíblias e rezam juntos a Oração da SEBINA
11. *Bênção: O Senhor te abençoe e te guarde! O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face e te favoreça! O Senhor volte para ti a sua face e te dê a paz! (Nm 6,24-26). Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo. **Ámen.***
12. Canto final



Primeiro Tema:

JESUS ENVIADO AOS EMPOBRECIDOS E MARGINALIZADOS

Ir. Luciana Duarte

1º Dia: Segunda-feira, 14 de setembro de 2026

Reflexão bíblico-missionária a partir de Lucas 4,16-21

Jesus retorna à Nazaré. Essa passagem bíblica se situa após o Batismo de Jesus por João Batista no rio Jordão e o seu tempo de preparação no deserto. É nesse contexto de volta que Jesus entra na sinagoga no dia de sábado, como era costume e levanta-se para ler. Entregam-lhe o rolo do Profeta Isaías, cap 61; Ele o desenrola e encontra a passagem que anuncia a unção do Espírito para uma missão de libertação. Depois de ler, enrola o rolo, devolve-o ao assistente e senta-se — gesto próprio de quem vai ensinar. Todos os olhos da sinagoga fixam-se nele, e Jesus declara:

“Hoje se cumpriu esta Escritura que acabais de ouvir.” (Lc 4,21)

A leitura de Isaías proclamada por Jesus resume-se assim: o Espírito do Senhor ungiu-o para **anunciar a Boa-Nova aos pobres**, proclamar a



libertação aos cativos, devolver a vista aos cegos, libertar os oprimidos e anunciar um ano de graça da parte do Senhor (cf. Is 61,1-2; 58,6).

Explicação a partir do texto: perspectiva bíblico-missionária

A cena de Nazaré funciona, no Evangelho de Lucas, como o “Programa de Missão” de Jesus¹: não um discurso ocasional, mas uma “carta magna”, ou “Carta de Intenções” que define, desde o início, quem são os destinatários preferenciais da salvação — os pobres (empobrecidos), os cativos, os cegos, os oprimidos. O dinamismo de Jesus não nasce no centro religioso e político de Jerusalém, mas na periferia da Galileia,- uma mudança focal, mas também determinando outras coordenadas geográficas - sinal de que a opção pelos pequenos não é um detalhe da missão, mas o seu ponto de partida geográfico e teológico.

A profecia de Isaías é decisiva para compreender essa opção. Na leitura rabínica do século I, e nas explicações do TALMUD, o “Ano da Graça do Senhor” anunciado por Isaías era interpretado de modo nacionalista: libertação política de Israel do jugo estrangeiro, culminando no “dia da vingança do nosso

¹BOSCH, David J. *Missão Transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 111-114.



Deus” contra os povos pagãos². Jesus, porém, interrompe deliberadamente a leitura antes dessa frase. Ao fechar o rolo depois de proclamar apenas a Graça e não proclamar a vingança, Ele despe o messianismo de seu caráter vingativo e exclusivista, transformando a promessa de libertação nacional em oferta universal e inclusiva, dirigida a todas as pessoas que a sociedade descarta ou deliberadamente exclui — pobres, doentes, pecadores, estrangeiros e mulheres.

Essa releitura inaugura, como mostra a análise do texto de base, um dinamismo **centrífugo** (que expulsa do centro para as margens) que empurra a comunidade para fora, para as periferias existenciais — em contraste com a expectativa **centrípeta** (movimento que atrai para o centro, que imantiza) de um Messias que glorificaria Israel submetendo as nações. É o mesmo dinamismo que leva Jesus a comer com publicanos e pecadores, a tocar leprosos, a fazer de um samaritano modelo de fé, e a mulheres discípulas e testemunhas do Reino³. Na parábola do banquete recusado Ele manda buscar

²PAGOLA, José Antonio. *Jesus: Aproximação Histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 156-162.

³SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo: Ensaio a partir das Vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 78-85.



os excluídos — imagem de uma missão que nunca se dá por satisfeita enquanto a mesa não estiver plena dos que nunca pensaram ser convidados.

Nesse sentido o texto base aqui, Lucas 4,16-21 não é apenas o início biográfico do ministério de Jesus, mas é mesmo o fundamento de toda a eclesiologia missionária que se compreende como *Igreja dos pobres, com os pobres e para os pobres*: uma comunidade que só é fiel ao Evangelho na medida em que também é capaz de reproduzir, hoje, a mesma ação de unção do Espírito a favor dos excluídos, ou seja capaz de fazer ecoar o Programa de Missão de Jesus⁴. A opção preferencial e porque não dizer central pelos pobres, afirmada na 6ª. Assembleia Plenária da IMBISA relata que os pobres são os tesouros da Igreja e é preciso ouvi-los para descobrir os muitos dons espirituais e humanos suprimidos. Portanto esse olhar aos empobrecidos e marginalizados é uma exigência que nasce do próprio programa messiânico proclamado na sinagoga de Nazaré⁵.

⁴BOFF, Leonardo. *Eclesiogênese: As Comunidades Eclesiais de Base Reinventam a Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 42-49.

⁵IMBISA- Associação Inter Regional dos Bispos da África Austral. *Acta da 6ª. Assembleia Plenária da IMBISA: Pobreza e Justiça Económica no Novo Milénio- uma abordagem Cristã*. Seminário Chishawasha, Harare, Zimbábue, 30jul-08ago.2001. Harare: Imbisa,2001.



Os improváveis do Reino: da sinagoga às periferias

O episódio de Nazaré não fica isolado no Evangelho: ele se desdobra em gestos concretos ao longo de toda a narrativa lucana, rompendo os tabus de impureza ritual que os excluía do templo e do convívio social. Faz de um samaritano — duplamente marginalizado, por herege e por inimigo político — o modelo do verdadeiro amor ao próximo (Lc 10) e o único, entre dez leprosos curados, capaz de reconhecer e agradecer a salvação recebida (Lc 17). Aqui é importante perceber que a nomeação desses personagens centrais do Evangelho não é um acaso do contador de parábolas, no caso o Evangelista Lucas — é o chão desse Evangelho.

Também as mulheres, silenciadas numa sociedade patriarcal, são plenamente integradas nesse dinamismo: um grupo delas acompanha Jesus e os Doze nas viagens missionárias, sustentando o ministério com os próprios bens (Lc 8,1-3), e Maria de Betânia é elogiada por escolher “a melhor parte” ao sentar-se aos pés do Mestre como discípula promove o discipulado de mulheres, uma novidade do Rabinato de Jesus (Lc 10,38-42). Cada um desses episódios é uma variação concreta da mesma “carta magna” lida em Nazaré: a Boa-Nova só é boa, de fato, quando alcança quem a sociedade e a religião institucional haviam deixado de fora. Nesse sentido, a religião de Jesus — o judaísmo não será a resposta para a nova proposta de missão.



A missão na perspectiva africana

A leitura de Lucas 4,16-21 ganha ainda mais densidade quando dialoga com a experiência missionária africana. Bénézet Bujo, teólogo congolês afirma que a evangelização em África não pode ser pensada fora do princípio comunitário do *Ubuntu* — “sou porque somos” —, que compreende a pessoa como inseparável da comunidade dos vivos e situa Deus e os pobres no centro da mesma partilha vital⁶. Essa chave comunitária ilumina de modo especial a missão narrada em Lucas: anunciar a Boa-Nova aos pobres não é gesto individual de caridade, mas reconstituição de um tecido comunitário e de uma Igreja comunitária- que foi rompida pela exclusão. Em Moçambique, essa mesma lógica encontrou expressão eclesial concreta na experiência narrada por José Luzia em *A Igreja das Palhotas: o Renascer da Igreja em Moçambique*, na qual pequenas comunidades cristãs, sustentadas pelo protagonismo de ministérios leigos em meio à pobreza e a guerra, tornaram-se, literalmente, uma “igreja debaixo do capim”⁷

⁶BUJO, Bénézet. *African Theology in Its Social Context*. Maryknoll: Orbis Books, 1992, p. 15-45.

⁷LUZIA, José. *A Igreja das Palhotas: O Renascer da Igreja em Moçambique*. Lisboa: Paulinas, 2017.



A condição da mulher em Moçambique: a exclusão!

A urgência dessa releitura torna-se ainda mais concreta diante da condição de muitas meninas e mulheres em Moçambique. Segundo dados do UNICEF, quase metade das mulheres entre 20 e 24 anos casaram-se ou entraram em união antes dos 18 anos, e cerca de 13% antes dos 15 anos — um dos índices mais altos do mundo⁸. A teóloga ganense Mercy Amba Oduyoye, fundadora do Círculo de Teólogas Africanas, denuncia como estruturas patriarcais convertem o corpo da mulher em moeda de troca familiar, e reivindica uma leitura da fé cristã capaz de devolver às mulheres africanas plena dignidade e voz⁹.

É exatamente contra esse tipo de cativo que se dirige a missão anunciada por Jesus em Nazaré. Quando Isaías fala em “libertação aos cativos” e “liberdade aos oprimidos”, o texto não permanece apenas como uma abstração ou uma metáfora espiritual: nomeia também o cativo muito concreto de meninas casadas antes de amadurecer e de corpos femininos tratados como garantia econômica da família. Uma Igreja fiel ao programa de Lucas 4 não pode calar diante dessa realidade — é chamada a proteger a infância, a

⁸UNICEF MOÇAMBIQUE. *Casamento Prematuro e Gravidez na Adolescência em Moçambique: Causas e Impacto*. Maputo: UNICEF, 2015; UNICEF. *Casamentos Prematuros em Moçambique*. Maputo, 2022.

⁹ODUYOYE, Mercy Amba. *Beads and Strands: Reflections of an African Woman on Christianity in Africa*. Maryknoll: Orbis Books, 2004, p. 87-101.



promover a educação das meninas e a anunciar, em gestos concretos, que o Evangelho também liberta essas mulheres e lhes devolve a dignidade.

Como ler esse texto à luz da realidade?

Qual é o rolo que a nossa comunidade abre quando se reúne? Se Jesus lê Isaías e declara que a profecia se cumpre “hoje”, a missão continua a acontecer sempre que a Igreja se dispõe a nomear, de modo concreto, quem são os pobres, cativos, cegos e oprimidos do seu tempo. Isso inclui, entre outros, os desempregados e os que vivem de trabalho precário, migrantes e refugiados sem documentos, pessoas em sofrimento psíquico ou em situação de dependência das muitas drogas que assola nosso povo, famílias endividadas, viciadas em jogos, pornografia ou sem moradia, vítimas de exclusão estrutural, e povos originários e comunidades tradicionais ameaçados em seus territórios. Anunciar a Boa-Nova a esses “pobres” do nosso tempo envolve libertar de estruturas que produzem cativo — dívidas impagáveis, vícios, preconceitos, fronteiras fechadas — e devolver “vista”, isto é, dignidade e voz pública a quem foi silenciado. Só quando a comunidade cristã ousa dizer, como Jesus, que essa Escritura se cumpre “hoje”, em gestos concretos e não apenas em discurso, é que Lucas 4,16-21 deixa de ser um texto do passado e volta a ser, de fato, programa vivo de missão.

Esse chamado encontrou eco recente no magistério papal. Em julho de 2026, o Papa Leão XIV visitou Lampedusa, porta de entrada de milhares de migrantes



rumo à Europa, lugar marcado pelas tragédias pessoais e coletivas de quem está disposto a arriscar tudo pela possibilidade de uma vida melhor. É ali, naquele cenário de Lampedusa que ele comentando a parábola do Bom Samaritano, recordou que o encontro com quem jaz à beira do caminho, despojado de tudo, precede qualquer consideração ideológica e convida à proximidade¹⁰. Suas palavras atualizam o mesmo dinamismo lucano que atravessa este texto: a estrada de Jerusalém a Jericó continua a passar hoje pelo Mediterrâneo, pelas fronteiras e pelas rotas migratórias do mundo inteiro, gente que também precisa de libertação.

Pergunta missionária para partilha

Quem são, hoje, na nossa realidade concreta — localidade, comunidade, família —, os “pobres, cativos, cegos e oprimidos” aos quais somos enviados? Que passos temos dado, ou deixado de dar, para chegar até eles com gestos concretos de Boa-Nova, e não apenas com palavras?

Compromisso prático coletivo

Como comunidade, comprometemo-nos a identificar, nas próximas semanas, pelo menos um grupo concreto de pessoas em situação de marginalização em

¹⁰LEÃO XIV, Papa. *Homilia na Santa Missa — Visita Pastoral a Lampedusa*. Campo Desportivo “Arena”, Salina, 4 de julho de 2026. Disponível em: vatican.va.



nosso contexto — moradores de rua, doentes isolados, famílias em situação de vulnerabilidade, migrantes, pessoas socialmente excluídas — e a organizar uma visita ou ação de proximidade regular junto a elas, não como assistencialismo pontual, mas como gesto que expressa, de forma concreta e continuada, a mesma opção preferencial que Jesus assumiu em Nazaré.

Perguntas de aprofundamento

1. Por que Jesus interrompe a leitura de Isaías antes do “dia da vingança”? Que consequências essa escolha tem para a nossa própria imagem de Deus e da missão?
2. De que forma a nossa comunidade reproduz, ainda hoje, alguma “teologia da retribuição” que associa pobreza ou sofrimento a castigo, e como isso pode ser convertido à luz do Evangelho de Lucas?
3. O que significa, concretamente, ser “Igreja dos pobres” numa comunidade que talvez esteja mais habituada a receber do que a ser enviada às periferias existenciais?



Segundo tema:

DISCÍPULOS CHAMADOS E ENVIADOS: LC 10,1-12

Pe. Salvador Bila

2º Dia: Terça-feira, 15 de setembro de 2026

Introdução

Jesus Cristo confia aos seus discípulos, isto é, a todos os baptizados, a todos os cristãos, de ontem e de hoje, a missão de anunciar o advento do Reino de Deus. À luz da Palavra de Deus e do contexto actual de Moçambique, como pode ser realizada hoje essa missão? O presente texto é uma catequese pastoral sobre o texto bíblico de Lc 10,1-12, inserida no âmbito da Semana Bíblica Nacional – 2026, cujo objectivo é reflectir sobre a missão dos discípulos na Bíblia e no contexto actual de Moçambique, de acordo com o tema exposto no título. Para o aprofundamento do texto bíblico, pode-se ler o artigo de Robert Karris, “Evangelho segundo Lucas”, que se encontra no volume *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo, Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*, editado por Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy, Paulus, São Paulo, 2011, páginas 217 a 308, particularmente as páginas 268-269. Para aprofundar o contexto actual da evangelização em Moçambique,



pode-se consultar a seguinte obra: CEM, *IV Assembleia Nacional de Pastoral, Documento Final*, 2023.

O texto está organizado em 5 partes: 1. Texto bíblico; 2. Explicação bíblico-pastoral; 3. Aplicações para a missão em Moçambique; 4. Perguntas de reflexão e aprofundamento; 5. Proposta de compromisso comunitário.

1- Texto bíblico¹¹: Lc 10, 1-12

¹ Depois disto, o Senhor designou outros setenta e dois discípulos e enviou-os dois a dois, à sua frente, a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir. ² Disse-lhes: "A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, portanto, ao dono da messe que mande trabalhadores para a sua messe. ³ Ide! Envio-vos como cordeiros para o meio de lobos. ⁴ Não leveis bolsa, nem alforge, nem sandálias; e não vos detenhai a saudar ninguém pelo caminho. ⁵ Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: 'Paz esteja nesta casa!' ⁶ E, se lá houver um homem de paz, sobre ele repousará a vossa paz; se não, voltará para vós. ⁷ Ficai nessa casa, comendo e bebendo do que lá houver, pois o trabalhador merece o seu salário. Não andeis de casa em casa. ⁸ Em qualquer cidade em que entrardes e vos receberem, comei do que vos for servido, ⁹ curai os doentes que nela houver e dizei-lhes: 'O Reino de Deus já está próximo de vós.' ¹⁰ Mas, em qualquer cidade em que entrardes e não vos



receberem, sai à praça pública e dizei:¹¹ 'Até o pó da vossa cidade, que se pegou aos nossos pés, sacudimos, para vo-lo deixar. No entanto, ficai sabendo que o Reino de Deus já chegou. ¹² Digo-vos: Naquele dia haverá menos rigor para Sodoma do que para aquela cidade."

2- Explicação bíblico-missionária

A passagem bíblica que estamos a analisar apresenta “duas vozes” que nos podem ajudar a organizá-la em duas partes principais. A “primeira voz” é aquela do narrador, e encontra-se no v. 1. Para além de introduzir o discurso de Jesus, o narrador apresenta ao leitor diversos elementos que ajudam a compreender o contexto do discurso. A “segunda voz” é a de Jesus, que, em primeira mão, instrui os discípulos, envia-os em missão e dá orientações muito específicas sobre como a missão deve ser executada. Mesmo encontrando-se fora dos limites da passagem em análise, vamos também considerar a voz dos discípulos, presente em Lc 10:17-20.

2.1- A voz do narrador

A primeira operação que o narrador realiza é situar a passagem nos diversos episódios do Evangelho de Lucas, por meio da expressão “depois disto”, que estabelece uma ponte com as passagens precedentes. Na abertura do capítulo

¹¹ Texto da versão da Difusora Bíblica/Bíblia Africana.



9 (cf. Lc 9, 1-6), Jesus envia os “Doze” a proclamar o Reino de Deus e a curar os doentes, insistindo muito na gratuidade da missão, manifestada na ordem de não levar nada para o caminho.¹² Ao regressarem, contaram-lhe tudo o que tinham realizado (cf. Lc 9, 10). Depois deste episódio, Jesus é apresentado de novo com os seus apóstolos quando multiplica o pão (cf. Lc 9,12) e na sua oração (cf. Lc 9,18). Neste capítulo (cap. 9), o tema do discipulado aparece de novo em várias ocasiões quando Jesus apresenta as exigências para alguém seguir o seu seguimento (cf. Lc 9, 23-27; 9, 57-61), na lição sobre o maior entre os discípulos (Lc 9, 46-48) e no acolhimento dos outros discípulos que estão fora do grupo de Jesus (cf. Lc 9, 59-60).

A expressão “depois disto”, com a qual Lucas introduz a narração da missão dos setenta e dois discípulos, faz uma ponte com a passagem anterior, em que Jesus adverte os dois candidatos a discípulos sobre a precariedade do discipulado (cf. Lc 9,58) e a necessidade de prontidão para segui-lo (Lc 9,62). Com o panorama do capítulo nove, podemos entender que Jesus designa “outro” grupo de discípulos, no número de setenta e dois. O primeiro grupo a ser enviado foi dos Doze Apóstolos (cf. 9,1-2). Jesus é quem escolhe quem quer enviar. Como vimos antes, alguns queriam ser discípulos, mas ou não foram escolhidos ou não estavam preparados. Lucas e os outros evangelistas

¹² Importa, contudo, recordar que desde o início de seu ministério messiânico, Jesus chama para si colaboradores para o seguirem (cf. Lc 5,1-9; 5,27-31; 6,12-16).



não apresentam os discípulos como pessoas com talentos extraordinários. São duas as principais características dos discípulos. A primeira é seguir Jesus, literalmente, “estar atrás” de Jesus, como o querido Dom Ósório costumava dizer. De facto, a tarefa inicial dos discípulos é estar com Jesus; escutar a sua palavra; fazer perguntas; assistir aos seus milagres; vê-lo a rezar, aprender a viver também com os outros discípulos. A segunda postura é estar “à sua frente, a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir” (Lc 10,1). O discípulo vai à frente de Jesus, não para substituí-lo, mas para dar testemunho. No contexto de Lucas, Jesus está a caminho de Jerusalém (cf. Lc 9,51-52), um caminho que inclui rejeição e culminará na sua paixão e ressurreição. Nesse sentido, podemos dizer que ser discípulo envolve duas partes principais. A primeira é contemplativa e se manifesta na intimidade do discípulo com Jesus, significa estar no grupo de Jesus; estar com Jesus, conhecer Jesus e a Sua Palavra. Aliás, como o próprio Jesus disse: *“Sem mim, nada podes fazer”* (Jo 15,5). Sem a amizade com Jesus, não existem nem o discípulo, nem a missão. Podem existir iniciativas individuais ou de grupos que se servem do nome de Jesus para interesses obscuros.

Ser discípulo é pertencer ao grupo de Jesus. Isso é confirmado pela escolha de Jesus de setenta e dois discípulos e pelo envio deles dois a dois. A missão não é apenas individual, é sobretudo eclesial.



O número de discípulos enviados por Jesus é de setenta e dois. No primeiro envio (cf. Lc 9, 1-6), eram 12 apóstolos, correspondendo às 12 tribos de Israel e representando os doze filhos de Jacó (cf. Gen 35, 23-26). O sentido simbólico do número dos apóstolos sugere que, inicialmente, os primeiros destinatários da missão eram os filhos de Israel. Posteriormente, Jesus amplia o horizonte: no segundo envio, o número de discípulos passa de 12 para 72. O número 72 também possui um importante valor simbólico: a tábua das nações, presente em Gn 10, 2-31, apresenta uma lista de 70/72 nações. Dessa forma, o número setenta representa a universalidade da missão. A boa nova trazida por Jesus destina-se a todas as nações do mundo, chamadas a partilhar a salvação inicialmente oferecida a Israel.

Pelo menos duas consequências podem ser extraídas desta reflexão. A primeira é que o envio em missão não é apenas para os apóstolos, mas também para todos os discípulos. Cada discípulo é missionário. Mais ainda, o ser discípulo e o ser missionário não são duas coisas separadas, mas expressões de uma mesma e única relação pessoal e eclesial com Jesus. A segunda consequência é que o número de discípulos deve sempre crescer. Jesus quer que a sua salvação chegue a todos os povos de todas as latitudes. Para isso, o número de discípulos deve aumentar continuamente.



Jesus envia os discípulos dois a dois. Entre várias razões, pode-se indicar pelo menos três que justificam a escolha de Jesus. A primeira razão tem a ver com a ajuda recíproca: a missão é exigente e um discípulo isolado pode perder a força e o ânimo; a presença de um irmão ou de uma irmã reforça o entusiasmo e a constância na missão e dá a possibilidade de partilhar alegrias e tristezas; encoraja em momentos de dificuldade e ensina a viver a caridade nas fraquezas da pessoa que Jesus colocou como “co-discípulo”. Além disso, um anúncio feito por duas pessoas é mais credível, amplia o horizonte, e mesmo que o anúncio seja o mesmo, enriquece-se com a diversidade das pessoas que o actualizam, na sua narração pessoal. Adicionalmente, na mentalidade do Antigo Testamento, a palavra de duas testemunhas é considerada confirmada.¹³

¹³ Segundo Dt 19,15: “Um testemunho isolado não será suficiente contra uma pessoa, seja qual for o seu crime, a sua culpa ou o pecado de que for acusada; só com o depoimento de duas ou três testemunhas é que o caso será tomado em conta.” A mesma ideia da necessidade de mais de uma pessoa para que o testemunho seja válido também se encontra em Dt 17,6-7. Em Lc 10,1, Jesus supõe o mesmo princípio, segundo o qual, para que o testemunho seja válido, são necessárias pelo menos duas testemunhas. A grande diferença é que, para Jesus, ao contrário da legislação do Deuterónimo, não se trata de um testemunho de um crime, mas de um testemunho do advento do Reino de Deus. Ainda no âmbito da obra lucana (Lucas e Actos dos Apóstolos), a dupla de missionários mais conhecida é a de Paulo e Barnabé (cf. Act 13).



2.2- A voz de Jesus

Reunidos os 72 discípulos, Jesus dirige-lhes a palavra dizendo: *“A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, portanto, ao dono da messe que mande trabalhadores para a sua messe.”* Trata-se de uma linguagem metafórica: Jesus “compara” a missão dos discípulos com o trabalho dos agricultores que devem cultivar; os discípulos são descritos como trabalhadores e o dono da messe é Deus. Por outras palavras, Jesus declara aos discípulos, daquele tempo e do nosso tempo, que a missão de anunciar o Evangelho é grande e os discípulos são insuficientes, não chegam para cobrir toda a missão. Por isso, os discípulos devem, para além de anunciar o Evangelho, rezar sempre a Deus para que, no mundo, haja sempre discípulos anunciadores da Boa-Nova. Esta declaração de Jesus pode ser interpretada em pelo menos dois níveis de significado. O primeiro nível é histórico, seja no passado como no presente: em todos os momentos da história, a grandeza da missão sempre supera o número de missionários. Por isso, é preciso rezar, “rogai”, sempre a Deus, para que cheguem novos missionários e a missão seja mantida viva. Um outro nível de interpretação mais profundo está ligado à relação entre a missão e os missionários. Independentemente do número de missionários, no plano de Deus, a missão é sempre maior do que os missionários, pois a riqueza da salvação de Deus é infinita e nunca pode ser anunciada por completo.



Outro elemento importante a ser considerado é que o dono da messe é Deus; os missionários são instrumentos de Deus. Sendo assim, os missionários devem manter sempre contacto com Deus, sob pena de fazerem coisas contrárias às ordenadas pelo dono da messe. A disproporção entre a vastidão da missão e o número de missionários não deve desencorajar os discípulos. De facto, a missão é de Deus, o dono da messe; os discípulos, como os agricultores, devem fazer o seu melhor para preparar o terreno, lançar a semente, regar e cuidar do campo. Mas quem faz germinar, crescer e frutificar a semente é o Senhor. Por isso, os discípulos não devem se preocupar excessivamente com os resultados. A sua missão é lançar generosamente a semente e deixar o resto com Deus.

Ide! Envio-vos como cordeiros para o meio de lobos (v.3). Este versículo pode ser considerado o coração da missão dos discípulos de Jesus. O imperativo "ide" manifesta a autoridade que Jesus exerce sobre os seus discípulos. É Ele que ordena; é Ele quem tem a autoridade concedida pelo Pai (cf. Mt 11,27). O verbo escolhido por Jesus, "andar", indica igualmente a natureza da missão: a missão significa movimento, caminhada, a exploração de novos horizontes, novos lugares, novos contextos.

Ser cordeiros no meio de lobos indica a situação de vulnerabilidade a que os discípulos estão sempre sujeitos devido à sua missão. Os missionários poderão encontrar, na sua missão, pessoas hostis capazes de pôr em risco até



a própria vida. Por outro lado, ser cordeiros no meio de lobos pode indicar a missão reconciliadora e pacificadora dos discípulos num mundo de violência. Diante da violência dos lobos, os cordeiros (missionários) são chamados a oferecer a paz de Deus (cf. Is 11,6; 65,25).

A partir do v.4, Jesus deixa indicações muito específicas sobre o modo como a missão deve ser realizada. Essas ordens referem-se aos discípulos (v.4.7b-9); à casa que acolhe os discípulos (vv. 5-7a) e às cidades (vv.10-12). ¹⁴A grande maioria das indicações tem sentido simbólico e não literal. Por exemplo, quando Jesus diz: *"Não leveis bolsa, nem alforge, nem sandálias; e não vos detenhais a saudar ninguém pelo caminho"*, isso significa que o sucesso da missão não consiste fundamentalmente nos meios materiais de que os discípulos dispõem, mas na graça de Deus. Os discípulos são chamados a viver do essencial, sem acumular nada. Não saudar ninguém pelo caminho também tem sentido simbólico: significa não distrair-se em relações humanas que pode distrair a missão.

O primeiro dom que os discípulos levam aos destinatários da missão é a paz (v. 5). É a paz de Deus, a sua proximidade, a sua bênção e o seu perdão transmitidos pelos seus discípulos. Esta paz que envolve todos os dons de Deus é um dom e não uma imposição; por isso, pressupõe acolhimento por

¹⁴ Nos vv.13-16 Jesus nomeia algumas cidades que rejeitaram o anúncio do Reino de Deus: Corozaim, Betsaida e Cafarnaum.



parte de quem a recebe. Se não for recebida, voltará aos discípulos, pois os dons de Deus devem ser valorizados (cf. Mt 7,6).

Os discípulos, dedicando-se inteiramente à missão, vivem da generosidade das pessoas e das famílias que os acolhem (cf. v.7). Isto, contudo, não impede que os discípulos se impenhem a ter o próprio sustento. São Paulo, por exemplo, embora reconhecesse a ordem do Senhor Jesus que aqueles que anunciam o Evangelho vivam do Evangelho (cf. 1 Cor 9,14), trabalhou para o seu sustento e o sustento dos seus companheiros (cf. Act 20,33-35), sem depender inteiramente das comunidades.

A passagem termina com uma advertência importante: nem todos receberão bem o anúncio do Evangelho (cf. vv.10-12). Com estas palavras, Jesus prepara os seus discípulos para as adversidades, as rejeições e até mesmo as perseguições. Ser discípulo é sempre trazer a paz do cordeiro, que prefere a paz à guerra; a harmonia ao conflito, mesmo arriscando a própria vida. Numa outra passagem (cf. Mt 5,11-12), Jesus convida os discípulos a alegrar-se também nas dificuldades, porque a sua recompensa é grande no Reino de Deus, que é o objecto do seu anúncio (vv. 9-11).

2.3- A voz dos discípulos missionários

Lucas reporta o regresso dos setenta e dois discípulos em Lc 10:17-20. Segundo a passagem, os discípulos regressaram cheios de alegria (cf. v.17).



Isso significa que a missão correu bem e eles colheram os frutos da sua missão inicial. Eles viram os sinais da presença de Deus, pois os demónios, as forças do maligno, foram vencidos pelo nome de Jesus. Satanás perdeu a sua força e o seu reino colapsou. Em outra passagem, Jesus recorda aos discípulos que, apesar de o Reino de Deus ter sido inaugurado por Jesus e de Satanás ter sido vencido, no mundo eles terão aflições (cf. Jo 16:13). Os discípulos devem estar preparados para momentos em que os resultados da missão não são nem imediatos nem positivos. Como disse Jesus, o mais importante não é que “os espíritos obedecem”, mas a alegria de que os nomes dos discípulos estão escritos nos Céus (cf. Lc 10,20).

3- Aplicações para a missão em Moçambique

Olhando para o passado, notamos que, na História da Igreja em Moçambique, os “setenta e dois” discípulos, representados por missionários como Catequista Cipriano em Nacala, os Catequistas Mártires de Guiúá, a Catequista Aurora da Munhuana, a Irmã Maria de Coppi e, mais recentemente, Dom Osório Citora, testemunharam a missão com a própria vida. A Igreja em Moçambique está historicamente enraizada na missão de leigos e catequistas que, com os seus próprios meios, anunciaram às comunidades desprovidas de sacerdotes o Evangelho de Cristo. A Igreja em Moçambique constituiu-se como Igreja



missionária e ministerial, de comunhão e partilha, na qual todos os baptizados anunciam o Evangelho.

Hoje, meio século depois, num contexto social e eclesial muito mudado em relação aos anos emergentes da independência, coloca-se como reflexão premente o desafio de manter a missionariedade de todos os baptizados, bem como um modo atualizado de viver a ministerialidade e a sinodalidade em Moçambique.

4- Perguntas de reflexão e de aprofundamento

- a) Quais são as principais experiências de missão dos leigos que se realizam na nossa comunidade?
- b) Quais são as principais dificuldades que impedem os cristãos (leigos) de serem missionários?
- c) Que iniciativas se podem criar para promover a missão laical popular?

5- Proposta de compromisso comunitário

Formar pequenos grupos de 2 a 5 discípulos. Depois de um momento de oração, receber o mandato da comunidade para ir em missão no bairro. Conforme as circunstâncias, a missão pode ser visitar alguns doentes, falar com os jovens ou com as famílias mais necessitadas do bairro, anunciar Jesus nas ruas aos jovens ou realizar outra iniciativa.



Terceiro tema: **A MISSÃO COMO MISERICÓRDIA**

(Lucas 10,25-37)

Pe. Marcos Mubango

3º Dia: Quarta-feira, 16 de setembro de 2026

Introdução

A parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37) constitui uma das mais profundas sínteses da teologia lucana da missão. Longe de ser apenas uma exortação moral à prática da caridade, ela revela a identidade do discípulo missionário e redefine a própria compreensão da missão como participação na misericórdia de Deus. Em Lucas, a missão não é primariamente expansão geográfica ou proselitismo, mas a manifestação histórica da compaixão divina que restaura a dignidade humana. Para aprofundarmos este tema, reflectiremos sobre o referido texto, obedecendo o seguinte plano: 1. Delimitação do texto; 2. Contexto literário; 3. Análise exegética; 4. Estrutura; 5. Teologia Lucana da Missão; 6. Atualização Pastoral; 7. Conclusão.

1. Delimitação do texto

Lc 10,25-37 constitui uma unidade literária relativamente bem delimitada, inserida na grande secção da viagem de Jesus a Jerusalém (Lc 9,51–19,27). A



perícope começa com a intervenção de um doutor da Lei (v. 25) e termina com uma ordem de Jesus: “Vai e faz tu também o mesmo” (v. 37). O texto pode ser dividido em três movimentos: a pergunta do doutor da Lei (vv. 25-28); a pergunta sobre o próximo e a parábola (vv. 29-35) e a pergunta de Jesus e a conclusão (vv. 36-37).

2. Contexto literário

A parábola encontra-se depois do regresso dos setenta e dois discípulos e da exultação de Jesus (Lc 10,17-24). Jesus está formando os seus discípulos para a missão. Por isso, Lc 10,25-37 não deve ser lido apenas como uma lição moral sobre a bondade. Ele está integrado no ensinamento de Jesus sobre como viver o Reino de Deus e como exercer a missão. O episódio começa com uma questão teológica: “Mestre, que devo fazer para receber em herança a vida eterna?” (v. 25). A questão é legítima, mas Lucas informa que o interlocutor pergunta “para o pôr à prova”. O diálogo, portanto, possui uma dimensão de confronto interpretativo.

3. Exegese versículo por versículo

v. 25 — “Mestre, que devo fazer para receber em herança a vida eterna?”

O doutor da Lei pergunta sobre a vida eterna. O verbo “fazer” é fundamental: a questão não é simplesmente o que devo saber?, mas como



devo viver? A expressão “vida eterna” corresponde à esperança de participação plena na vida de Deus.

v. 26 - “Que está escrito na Lei? Como lê?” Jesus não responde imediatamente. Em vez disso, devolve a questão ao doutor da lei: “Que está escrito na Lei? Como lê?” A segunda pergunta — “Como lê?” — é particularmente significativa. Não basta conhecer a Escritura; é necessário interpretá-la corretamente e colocá-la em prática.

vv. 27-28 — O amor a Deus e ao próximo - O doutor da Lei responde citando dois textos fundamentais: Dt 6,5 — amar a Deus com todo o coração, alma, força, e Lv 19,18 — amar o próximo como a si mesmo. Ele estabelece corretamente a relação entre amor de Deus e amor do próximo. Jesus confirma: “Respondeste bem. Faz isso e viverás.” O verbo “fazer” volta a aparecer. O verdadeiro conhecimento da Lei manifesta-se na prática. Aqui encontramos uma primeira chave para a interpretação da parábola: a vida eterna não se reduz ao conhecimento da Lei; exige uma existência configurada pelo amor.

v. 29 — “E quem é o meu próximo?” - este versículo é decisivo. Lucas afirma que o doutor da Lei, querendo “justificar-se”, pergunta: “E quem é o meu próximo?” A pergunta procura estabelecer os limites da obrigação do amor. Em



outras palavras: quem merece o meu amor? Quem está dentro e quem está fora? A pergunta parte de uma definição do próximo como objeto da minha obrigação. Jesus vai inverter completamente essa lógica. Ele não responde diretamente: "O teu próximo é esta ou aquela categoria de pessoas." Em vez disso, conta uma história.

vv. 30-35 — A parábola

v. 30 - "Um homem descia de Jerusalém para Jericó..." -Jesus não identifica o homem. Ele é simplesmente "um homem". Essa indeterminação é teologicamente importante: diante do sofrimento, antes de qualquer classificação social, religiosa ou étnica, encontra-se simplesmente uma pessoa humana necessitada. O homem é assaltado, despojado, espancado e abandonado meio morto. O texto cria uma situação de extrema vulnerabilidade.

vv. 31-32 - O sacerdote e o levita — Primeiro passa um sacerdote: "Viu-o e passou pelo outro lado." Depois passa um levita: "Viu-o e passou pelo outro lado." O verbo "ver" é repetido. Ambos veem o sofrimento, mas não se deixam transformar por aquilo que veem. Este detalhe é essencial: ver não significa necessariamente compadecer-se. O problema não é a falta de informação. Eles sabem que existe alguém ferido. O problema é a ausência de uma resposta misericordiosa. A parábola cria assim um contraste entre: ver →



passar adiante e, posteriormente: ver → compadecer-se → aproximar-se → cuidar.

v. 33-35 - O Samaritano — O Samaritano era uma figura social e religiosamente problemática para muitos judeus do tempo. Jesus poderia ter escolhido um personagem respeitado para completar a sequência — sacerdote, levita, israelita piedoso. Mas coloca justamente um samaritano como modelo de cumprimento da Lei. Aqui está um dos grandes paradoxos da parábola: aquele que poderia ser considerado religiosamente “de fora” demonstra ser aquele que verdadeiramente realiza o mandamento do amor.

O samaritano “viu e encheu-se de compaixão”. O verbo “compadeceu-se” em Lucas 10,33 constitui o centro teológico da Parábola do Bom Samaritano. É o ponto de viragem da narrativa: enquanto o sacerdote e o levita veem o homem ferido e passam adiante, o samaritano vê e compadece-se, desencadeando uma série de ações concretas de cuidado: “Aproximou-se dele, tratou-lhe as feridas, deitando azeite e vinho; depois colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele.”

a. **“Aproximou-se”** - o verbo “aproximou-se”, em Lucas 10,25-37, exprime muito mais do que um deslocamento físico: representa a decisão de romper a indiferença, vencer o medo, superar preconceitos e entrar na realidade do outro para cuidar dele. A aproximação torna possível toda a



sequência de gestos que salvam a vida do homem ferido. Numa perspectiva cristológica, este verbo reflete o próprio agir de Cristo, que, na Encarnação, se aproxima da humanidade caída para restaurá-la. Assim, a parábola ensina que a misericórdia autêntica não permanece distante; ela faz-se proximidade, transformando o discípulo naquele que atravessa fronteiras e assume o sofrimento do outro como responsabilidade própria. Esse é o verdadeiro significado de “fazer-se próximo” ao qual Jesus conclui com o imperativo: “Vai e faz tu o mesmo” (Lc 10,37).

b. **“ligou as feridas”** – este verbo exprime a passagem decisiva da compaixão para a restauração da vida. Ele indica um cuidado atento e concreto, que exige proximidade, tempo e envolvimento pessoal. Ao ligar as feridas e aplicar azeite e vinho, o samaritano não apenas alivia a dor imediata, mas inicia um processo de cura e devolve dignidade à vítima. À luz da tradição cristã, esse gesto prefigura a ação salvadora de Cristo, o verdadeiro Bom Samaritano, que cura as feridas da humanidade com a misericórdia e a graça. Assim, cada discípulo são é chamado a tornar-se instrumentos de cura, reconciliação e esperança para todos os que se encontram feridos pelas múltiplas formas de sofrimento presentes no mundo.

c. **“Colocou-o sobre a sua montada”** - a montada era o meio de transporte do viajante. Ao colocar o ferido sobre ela, o Samaritano cede o seu



próprio lugar; abdica do próprio conforto. A misericórdia, portanto, não consiste simplesmente em dar alguma coisa ao necessitado. Consiste em colocar os próprios recursos, tempo, energia e segurança ao serviço daquele que sofre, como Jesus que, na cruz, assume sobre si o peso do pecado e do sofrimento humano. Assim, o missionário não permanece espectador diante da dor. Ele deixa que a dor do outro entre na sua própria agenda. O sofrimento do outro torna-se seu próprio peso.

d). **“Levou-o à hospedaria”** - a misericórdia do Samaritano não termina no socorro imediato. Ele conduz o ferido para um lugar onde poderá continuar a ser cuidado. Na interpretação patrística, a hospedaria representa a Igreja, lugar onde o homem continua sendo cuidado. Não basta socorrer. É preciso integrar. A missão conduz à comunidade e à comunhão. Ninguém deve permanecer abandonado.

e). **“Cuidou dele”** - O gesto “cuidou dele” mostra que a misericórdia bíblica não é mera emoção nem simples assistência ocasional. É responsabilidade, proximidade, acompanhamento e perseverança. Evangelizar é também curar. A Palavra deve ser acompanhada por obras de misericórdia.

f). **“Pagou as despesas”** - os dois denários pagos pelo samaritano correspondiam aproximadamente ao salário de dois dias. Mostram que a misericórdia verdadeira exige sacrifício pessoal. O Samaritano oferece: o seu



tempo, os seus bens, o seu dinheiro e a sua atenção. Portanto, a misericórdia não é apenas um sentimento interior; tem um preço e compromete os recursos de quem a pratica.

g). **Prometeu voltar** - O Samaritano parte porque precisa continuar a sua viagem, mas não considera encerrada a sua responsabilidade. Deixa o homem aos cuidados do estalajadeiro e compromete-se a voltar. Assim, a misericórdia não é uma intervenção momentânea e a missão não é um gesto ocasional; implica continuidade e acompanhamento; é compromisso permanente.

A misericórdia torna-se uma cadeia contínua de ações. Cada verbo revela um amor ativo. Não permanece sentimento. Transforma-se em serviço.

vv. 36-37 — A inversão da pergunta - O doutor perguntava: "Quem é o meu próximo?". Jesus responde com outra pergunta: "Quem se fez próximo?". Assim, o centro deixa de ser identificar quem merece amor e passa a ser tornar-se próximo de qualquer pessoa necessitada. Esta é provavelmente a transformação mais profunda realizada pela parábola. O próximo não é simplesmente uma categoria previamente definida. O próximo é aquele de quem eu me aproximo na situação concreta de necessidade. É significativo que o doutor da Lei não diga diretamente "o Samaritano". Ele responde: "Aquele que usou de misericórdia para com ele." Mesmo assim, reconhece a verdade



da parábola. Jesus conclui: "Vai e faz tu também o mesmo." Não diz: "Vai e pensa sobre isso." Nem: "Vai e explica isso aos outros." Mas: "Faz." A parábola termina com uma ordem missionária e ética.

4. Estrutura literária

Uma possível estrutura concêntrica pode ser apresentada assim:

A — vv. 25-28: A questão da vida eterna e o mandamento do amor

B — v. 29: "Quem é o meu próximo?"

C — vv. 30-32: O homem ferido e os que passam

D — v. 33: O Samaritano vê e compadece-se

C' — vv. 34-35: O cuidado concreto do ferido

B' — v. 36: "Quem se tornou próximo?"

A' — v. 37: "Vai e faz tu também o mesmo"

O centro teológico encontra-se no v. 33: a compaixão do Samaritano. A estrutura também mostra a transformação da pergunta: "Quem é o meu próximo?" → "Quem se fez próximo?"

5. Síntese exegético-teológica

O centro da parábola não é simplesmente a pergunta "Quem é o meu próximo?", mas a transformação dessa pergunta em: "Como posso eu tornar-me próximo daquele que sofre?" O doutor da Lei procura estabelecer limites



para o amor. Jesus responde apresentando uma misericórdia que ultrapassa fronteiras. O sacerdote e o levita veem o homem ferido, mas passam adiante. O Samaritano vê, deixa-se tocar interiormente, aproxima-se e cuida. Por isso, a lógica fundamental de Lc 10,25-37 pode ser resumida assim: ver, compadecer-se, aproximar-se, cuidar, carregar, acolher, acompanhar. E o imperativo final de Jesus transforma a parábola em programa de vida: "Vai e faz tu também o mesmo." Assim, para a missão cristã, a misericórdia não é um elemento secundário; ela constitui uma das suas formas fundamentais de realização.

5. Atualização Pastoral

No contexto da Igreja contemporânea, esta parábola desafia toda acção evangelizadora a unir anúncio e serviço. A missão não pode limitar-se à transmissão de conteúdos doutrinários ou à celebração sacramental; ela deve tornar visível a misericórdia de Deus através da proximidade concreta com os pobres, os doentes, os migrantes, os idosos, os jovens em situação de vulnerabilidade e todas as pessoas feridas pela vida.

Conclusão

Lucas apresenta o Bom Samaritano como paradigma do discípulo missionário. A missão consiste em reproduzir, na história, a compaixão de Deus revelada em Jesus Cristo. A pergunta de Jesus — "Qual destes três foi o próximo?" (Lc 10,36) — desloca o foco da identidade do destinatário para a



responsabilidade do discípulo. Assim, a missão não começa perguntando quem merece ser amado, mas tornando-se próximo de todo ser humano necessitado.

Três perguntas para reflexão em grupo — Lc 10,25-37

1. Quem é o meu próximo? Quem são hoje, na nossa comunidade e no nosso contexto, as pessoas que estão “caídas à beira do caminho” e que corremos o risco de não ver ou de ignorar?
2. Quais são as barreiras — sociais, culturais, religiosas, económicas ou pessoais — que nos impedem de nos aproximarmos dos que sofrem? O que precisamos converter em nós para passar da indiferença à misericórdia?
3. Que ação concreta podemos assumir, como grupo ou comunidade cristã, para transformar a misericórdia em missão, inclusão e cuidado dos mais vulneráveis?

Referências bibliográficas

BROWN, R. E., An Introduction to the New Testament. Doubleday, 1997.

FITZMYER, J. A., The Gospel According to Luke X–XXIV. Anchor Bible, 1985.

NOLLAND, J., Luke 9:21–18:34. Word Biblical Commentary, 1993.



Quarto tema:

O ESPÍRITO SANTO, FORÇA DA MISSÃO: At 2,1-13:

Pe. Daniel A. Raul¹⁵

4º Dia: Quinta-feira, 17 de setembro de 2026

I. INTRODUÇÃO

O cenário de At 19,2-7 onde Paulo encontra, em Éfeso, alguns discípulos a quem pergunta se tinham recebido o Espírito Santo quando abraçaram a fé e eles responderam que nem sequer sabiam que existisse Espírito Santo, leva-nos desde o início desta reflexão, a dar-mo-nos conta de dois aspectos: 1) o desconhecimento do Espírito Santo, terceira pessoa da Santíssima Trindade, naquele tempo e ainda em nossos dias; 2) A sua presença contínua na obra lucana, com maior incidência no Livro dos Actos dos apóstolos, o que levou alguns autores a designar este livro de "Evangelho do Espírito". É precisamente esta presença contínua do Espírito Santo, na Bíblia, especialmente em At, desta vez como força da missão que vai guiar a nossa reflexão. Para tal faremos o seguinte percurso: depois de procurarmos perceber o papel do

¹⁵ P. Daniel Alexandre Raúl é sacerdote diocesano de Alto Molócuè. É formado em Teologia bíblica pela Pontifícia Universidade Urbaniana, em Roma (Itália, 2008).



Espírito do Senhor na missão dos profetas em alguns textos-base do Antigo Testamento, passaremos à presença e protagonismo do Espírito Santo¹⁶, na missão, especialmente nos Actos dos apóstolos, para desaguardarmos numa breve conclusão.

II. ESPÍRITO DE DEUS EM ALGUNS TEXTOS DO ANTIGO TESTAMENTO

Um texto de partida para a nossa incursão pelo Antigo Testamento, pode ser Nm 11,26-27: O Espírito de Deus repousa sobre Eldad e Medad e estes começam a profetizar, o que leva Josué a pedir a Moisés para que os proibisse: trata-se neste caso de actividade extática, como aquela dos “filhos dos profetas” com transe, palavras misteriosas e/ou incompreensíveis. Mas este carisma dura pouco porque os “70” anciãos não são profetas. Trata-se apenas de sinal conferido por Deus, a fim de ratificar a escolha dos 70 homens por Moisés e para autenticar sua autoridade sobre o povo (sobre os

Actualmente é Director do GCLP, na CEM e Professor de Teologia Bíblica no Seminário Maior de S. Pio X, em Maputo.

¹⁶ Cfr. KLEINKNECHT, H. et al., “πνεῦμα”, in GLNT X, pp. 767-1107; PENNA, R., “Espírito Santo”, in ROSSANO, P.- RAVASI, G.- GIRLANDA, A., *Nuevo Diccionario de Teologia Bíblica*, vol 1, Ediciones paulinas, Madrid 1990, pp. 552-574



anciãos junto de Moisés, veja-se também Ex 17,5; 18,12; 24,1-2.9-11; Nm 16,25)¹⁷.

Este texto é inovador, porquanto abala as ideias tradicionais sobre as instituições de Israel, segundo as quais o Espírito do Senhor é reservado aos seus chefes, aos juizes e, depois, aos reis. Além disso: É o Senhor que fará dom do seu espírito em vez de partilhar o de Moisés. Mais tarde aparecerá a ideia do dom do Espírito do Senhor a todo o povo, em Ezequiel e, especialmente, em Joel (Jl 3,1ss). Com esta perspectiva, Is (11,9) anunciará a difusão do "conhecimento do Senhor" (Is 11,9) e Jeremias, a Nova Aliança (Jr 31,34).

Um texto comparável a Nm 11 é a transmissão do espírito de Elias a Eliseu (2Rs 2,1-15). Sobre Eliseu, "pousa o espírito" de seu mestre, ele que tinha pedido "dois bocados do Espírito do mestre"; herda, portanto, sua autoridade sobre os outros profetas. Moisés e Elias são os dois homens de Deus, através dos quais a salvação é oferecida a Israel. Moisés, segundo Dt 18,18 anuncia a vinda de profeta semelhante a ele, que terá nos lábios as próprias palavras do Senhor.

¹⁷ Cfr. ASURMENDI, J. M et al, *O Espírito Santo na Bíblia* (Cadernos bíblicos 45), Paulinas, S. Paulo 1985.



A interpretação posterior deste texto, especialmente com os padres da Igreja (S. Hipólito, sec. III), na linha da Vulgata¹⁸, viu em Nm 11, a prefiguração do Pentecostes cristão.

Em um dos celebres quatro cânticos do Servo de lahweh¹⁹, presentes no Segundo Isaías (Is, 42,1-7) o Senhor fala do seu servo sobre o qual “pôs o seu espírito” o qual, entre outros trará julgamento às nações (cfr. Is 42,2). Cronologicamente, este texto está situado no período do Exílio e este servo, graças ao Espírito do Senhor, lhe compete trazer o direito (vv. 1.3-4.7), não tanto como promulgação de um código, mas sim o restabelecimento da justiça, com todos os aspectos dos direitos do homem, começando por abrir os olhos dos oprimidos. A salvação e a esperança adquirem forma na imagem de uma figura real que finalmente concretiza sua missão, tanto é verdade que os títulos de “servo” e “eleito”, presentes nesse trecho, no SI 89,4 são atribuídos o rei David. Quer o autor deste cântico pense em Ciro, rei persa que de facto, em 539 a.C, viria a libertar os israelitas do Exílio, na Babilónia, quer pense no próprio povo de Israel, conforme o faz a tradução grega da Bíblia chamada dos Setenta (LXX) são sempre as imagens de Is 11,1-15, onde encontramos o Espírito do Senhor repousando sobre um descendente de tronco de Jessé.

¹⁸ A Tradução latina da Bíblia, chamada Vulgata traduz assim Nm 11,25: “Puseram-se a profetizar e nunca mais deixaram de fazê-lo”.



Inserida numa lamentação muito mais extensa, **Is 63,10** é um dos poucos textos do AT (outro texto é **Sl 51,13**) que usa a expressão “Espírito Santo”, como sinónimo do “Espírito do Senhor”, em referência à origem divina da força através da qual o Senhor se torna presente no meio de seu povo (cfr. Is 63,14).

III. ESPÍRITO SANTO, NO NOVO TESTAMENTO

Na obra lucana (Evangelho segundo São Lucas e Actos dos Apóstolos), o Espírito Santo é, antes de mais, aquele que animava os profetas de Israel. Isabel (Lc 1,41) e Zacarias (1,61), na perspectiva do redactor, profetas do AT, foram cumulos pelo Espírito. O mesmo se pode dizer de Simeão (2,25).

No meio de vários e ricos textos sobre o Espírito Santo, como protagonista da missão, em Lc e At, podemos-nos concentrar em dois deles: Lc 4,16-21 e At 2,1-13.

Em Lc 4,16-21, Jesus lê, na Sinagoga de Nazaré, um trecho de Is 61,1-2 em confrontação com Is 58,6, considerado por muitos autores como discurso programático. A primeira característica de Is 61,1-2 é a afirmação da iniciativa divina (“Espírito do Senhor”) que unge e envia Jesus como “profeta” e a segunda é a evangelização dos mais pobres, necessitados e vulneráveis, com uma espécie de proclamação do ano jubilar “ano da graça do nosso Deus” (Cfr Lv 25,10-13). Com razão esta presença em Nazaré, em Lc, considera-se

¹⁹ Cfr. Is 42,1-7; 49,1-9; 50,4-11 e 52,13-53,12.



momento do discurso programático, na medida em que, entre outros, Lc é único entre os sinópticos que situa muito antes esta presença de Jesus na cidade onde crescerá (diferentemente de Mt 13,54-58; Mc 6,16).

3.1 Espírito Santo, força da missão em At 2,1-13

O relato do Pentecostes, com a interpretação que o acompanha, apresenta a chave de leitura do Livro de Actos dos apóstolos (At). Tudo o que vem antes tem a função de preparar o evento do Espírito prometido por Jesus, com estes dizeres: "Recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós" (At 1,8). O relato do Pentecostes é essencial e único porque introduz a personagem principal em torno da qual a trama do livro se estabelece, tanto nos Actos como no Evangelho segundo Lucas²⁰. De facto, com o Pentecostes, o Espírito Santo é insuflado sobre a Igreja nascente (At 2,33) para constitui-la como povo messiânico, capacitado para testemunho e anúncio nas diversas línguas. A natureza profética e missionária da igreja nota-se já neste evento fundante do Pentecostes e o Espírito infundido à igreja revela-se fundamentalmente Espírito da Palavra e da missão.

Embora o Pentecostes tenha sua peculiaridade de evento fundante, no que diz respeito à efusão do Espírito Santo, há outras ocasiões da sua manifestação



naquilo que alguém chamou de uma “cadeia de pentecostes”²¹. Em alguns momentos marcantes da expansão da palavra encontramos efusão comunitária do Espírito Santo que parece ter a função ou de confirmar novos campos de evangelização ou para ajudar a superar obstáculos que iam surgindo na expansão do Evangelho. Depois da Evangelização da Samaria por Filipe (cfr. At 8,5-13), o grupo apostólico envia Pedro e João para que, através da imposição das mãos, também os samaritanos recebam o Espírito Santo (cfr. 8,14-17). Esta efusão do Espírito Santo teve a função de confirmar a abertura de um novo campo de missão, em confirmidade com o mandato do Ressuscitado (cfr. At 1,8) e provavelmente também de assegurar aos samaritanos completa pertença à Igreja.

Por outro lado, encontram-se referências claras à Pentecostes de Jerusalém na efusão do Espírito Santo na casa de Cornélio (10,44-48) e na explicação que Pedro dá perante os judeu-cristãos em Jerusalém (11,15-16): Pedro sente-se obrigado a reconhecer a igualdade entre cristãos de origem pagã e cristãos de origem judaica e a ver neste evento, como que, um prolongamento do primeiro Pentecostes: “...eles receberam o Espírito Santo assim como nós” (cfr At 10,47); “portanto, o Espírito Santo desceu sobre eles, assim como sobre nós no

²⁰ Cfr. ASURMENDI, J. M et al, *O Espírito Santo na Bíblia*, pp. 49-54. Este autor sublinha o impacto da citação de Jl 3,1ss no discurso de Pedro.

²¹ MARGUERAT, D., *Premières histoires*, citado em BARBI, A., *La Comunità cristiana negli Atti degli apostoli* (Logos 5), Elledici, Torino 2002, p. 568.



princípio”(11,15). O próprio Espírito Santo obriga os anunciadores do Evangelho a ultrapassar os obstáculos, sobretudo relacionados à secular divisão entre judeus e pagãos e a acolher estes últimos plenamente na Igreja. Também em Éfeso verifica-se uma coisa semelhante (At 19,1-7), onde por imposição das mãos por parte de Paulo, o Espírito desce sobre um grupo de discípulos, num significativo número de “12”, que antes tinha conhecido somente o Baptismo de João. Mesmo essa extraordinária efusão do Espírito Santo, queira signifique a passagem para a Igreja de uma comunidade baptista, queira mostre apenas o nascimento da tão importante comunidade de Éfeso, o mesmo assinala um desenvolvimento significativo da expansão missionária.

Os fenómenos carismáticos que acompanham essas efusões comunitárias (10,46; 19,6) são sempre fenómenos de palavra com vista ao trabalho profético²². Nessa linha, pode-se examinar a forma como se encerra a oração da comunidade perseguida (At 4,24-30), onde se diz que “E todos ficaram cheios do Espírito Santo, continuando a anunciar com intrepidez a palavra de Deus” (v. 31). O Espírito é aqui concedido com resposta a um pedido formulado na própria oração, isto é, o pedido de poder anunciar com intrepidez a palavra de Deus (At 4,29). Mais uma vez o Espírito está ao serviço/em função da

²² O único caso em que não referidos os efeitos da efusão do Espírito é o dos samaritanos (At 8,7).



profecia, que se deve exercer com coragem na difícil situação de perseguição. Que o Espírito guia a Igreja na missão e a estimula no seu compromisso de anunciar a palavra até aos confins da terra, é também confirmado graças a uma série de notas sobre a acção dos protagonistas da evangelização, particularmente: o Espírito arrebatava Filipe para que continue com anúncio ao longo da costa da Palestina (At 8,39-40); ordena Pedro com os mensageiros para ir ao encontro de Cornélio (10,19-20; 11,12); é Ele que escolhe Barnabé e Saulo para a primeira viagem missionária (13,1-3.4-5); orienta Paulo para passar para Europa (16,6-10); "Acorrentado pelo Espírito" (cfr At 20,22), o próprio Paulo sai de Jerusalém, de onde por sua vez, questões de justiça lhe conduzem a Roma porque, segundo o desígnio divino, ele ofereça, também aí o seu testemunho (At 23,11).

Estes dados evidenciam que a pneumatologia lucana é fundamentalmente destinada a evidenciar que a Igreja é uma comunidade profética que, por fidelidade ao mandato do Ressuscitado (1,8), difunde a Palavra até aos confins da terra.

IV. CONCLUSÃO:

O percurso feito nestas páginas, leva-nos a dizer que, a fidelidade ao mandato do Senhor (At 1,8), nas mais variadas circunstâncias, também no nosso tempo



Departamento para a Missão e Evangelização
Comissão Episcopal de Pastoral Bíblica
e no nosso contexto, o



SEBINA
Semana Bíblica Nacional - 2026
"A Palavra está bem perto de ti (Dt 30, 14)"

Espírito convida a nossa

Igreja a manter-se profética, missionária e sempre obediente às moções do Espírito Santo.

PERGUNTAS DE REFLEXÃO

- 1) O que é para mim o Espírito Santo e como actua na minha vida de cristão?
- 2) A minha família, comunidade ou mesmo paróquia tem consciência da necessidade de Igreja ser missionária?
- 3) Quais os âmbitos do profetismo em que a nossa Igreja deve focalizar a sua vida e acção, no Moçambique de hoje?





Quinto tema:

MISSÃO AD GENTES: Atos 13,1-3 e Atos 28,30-31

Pe. José Joaquim Luís Pedro

5º Dia: Sexta-feira, 18 de setembro de 2026

Introdução

A expressão latina “*Ad gentes*” significa “às nações”, “para os povos” ou “para aqueles que ainda não conhecem o Evangelho”. A missão *ad gentes* é a missão que ultrapassa fronteiras culturais, geográficas e religiosas, a missão que envia a Igreja até aos confins da terra. Este tipo de missão não é apenas um capítulo da longa história da Igreja; é, antes de tudo, a sua identidade mais profunda. A Igreja não existe para se fechar sobre si mesma, mas para sair, para se deslocar, para se oferecer.

Ao contemplarmos a obra de Lucas, percebemos que este caminho não é linear nem isento de fragilidades. Pelo contrário, a missão avança através de pessoas concretas — homens e mulheres frágeis, mas totalmente disponíveis ao sopro de Deus. Neste cenário de audácia e fé, a figura do Apóstolo Paulo ergue-se como o grande ícone da missão *ad gentes*: uma referência viva de uma Igreja em saída, alguém que, guiado pelo Espírito, rompe aparentemente



intransponíveis, constrói pontes onde antes havia divisão e inaugura tempos novos.²³

I. At 13,1-3 e At 28,30-31: Onde se situam estes textos na Bíblia?

Para captar plenamente a força missionária destas duas passagens, é essencial perceber que elas funcionam como **duas portas** que enquadram todo o percurso missionário de São Paulo no livro dos Atos dos Apóstolos.

1. At 13,1-3 — O ponto de partida da missão

Este pequeno texto representa uma viragem decisiva em todo o livro. Em Antioquia, a comunidade reunia-se em oração profunda. No silêncio, enquanto jejuavam e escutavam Deus, o Espírito Santo fez-se ouvir: Barnabé e Saulo deviam ser enviados para uma missão nova. A comunidade acolheu esta voz com docilidade, impôs-lhes as mãos e deixou-os partir. Com este gesto simples, abriu-se a grande porta da missão. Até então, o Evangelho permanecia quase limitado a Jerusalém e ao povo judeu. Mas naquele dia, em

²³ O Novo Testamento mostra que a Igreja é, por natureza, dinâmica, enviada, desinstalada e oferecida. Ver Mt 28,19; Mc 16,15; Lc 10,3; Jo 20,21; At 1,8; At 13,2-3; At 16,9-10; At 28,30-31; Rm 10,14-15; 1Cor 9,16; 2Cor 5,20; Ef 2,14-18; Ap 22,17.



Antioquia, a Igreja percebeu que o mundo inteiro esperava o anúncio de Cristo — e deu o primeiro passo para além das suas fronteiras.²⁴

2. At 28,30-31 — O ponto de chegada

Esta breve passagem situa-se na última página e nos dois últimos versículos do livro dos Atos. Depois de anos de viagens, debates, perseguições e naufrágios, Paulo chega finalmente a Roma. Não entra como um homem livre, mas como prisioneiro, guardado numa casa onde aguardava julgamento. Contudo, mesmo limitado exteriormente, Paulo mantém o coração totalmente aberto. É ali, no centro do Império, que continua a anunciar o Evangelho a todos os que o visitam. Lucas termina o livro com esta imagem surpreendente: Paulo acorrentado, mas a Palavra livre. Este final do livro parece inacabado, quase suspenso, para mostrar que a história do Apóstolo conclui, mas a missão da Igreja continua — agora nas nossas mãos.²⁵

3. Como se ligam estes dois textos?

²⁴ Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, 21 diz o seguinte: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e pela comodidade de se agarrar às próprias seguranças.”

²⁵ A história do Apóstolo conclui, mas a missão permanece aberta, incompleta, entregue à Igreja de cada tempo. Papa João Paulo II na *Redemptoris Missio*, 1, afirma que “a missão de Cristo Redentor, confiada à Igreja, está ainda longe de se ter cumprido.”



Atos 13 revela o primeiro impulso: em Antioquia, uma comunidade pequena, mas espiritualmente desperta, abre a porta da missão e envia Paulo para o vasto mundo. Atos 28 apresenta o último cenário: Paulo chega a Roma, o coração do Império, e o Evangelho alcança a sua expressão mais universal. Entre estas duas páginas estende-se um único caminho guiado pelo mesmo Espírito. O Espírito que chama e envia em Antioquia é o Espírito que sustenta, inspira e mantém a Palavra viva em Roma. Assim, início e fim iluminam-se mutuamente: a missão nasce humilde, cresce e torna-se universal, sempre conduzida pela iniciativa de Deus.

II. O que nos dizem os textos na língua grega original?

Os textos do Novo Testamento foram escritos em grego. Quando regressamos às palavras originais que São Lucas escolheu, descobrimos novas luzes que iluminam de forma nova a nossa missão hoje.

Ao abrirmos o Novo Testamento no seu idioma original, percebemos que a missão não assenta em conceitos abstratos, mas em palavras vivas, dinâmicas, verdadeiras correntes de energia espiritual. Tudo começa com **apostéllō**, verbo que dá origem ao termo “apóstolo”. Não descreve alguém que decide partir por gosto pessoal ou vaidade; significa ser enviado por Alguém que possui autoridade superior, para transmitir uma mensagem urgente. Este mistério manifesta-se quando o Espírito Santo, em Antioquia, ordena que se separem Barnabé e Saulo para a missão, e atinge a sua plenitude em Roma,



onde Paulo, mesmo privado da liberdade física, permanece até ao fim como embaixador fiel de Cristo.²⁶

Esta dinâmica recorda-nos que ninguém é missionário por iniciativa própria ou para divulgar ideias pessoais. A missão autêntica nasce quando aceitamos o envio da Igreja e amadurece quando permanecemos firmes nesse mandato, independentemente das amarras, limites ou contrariedades que a vida nos imponha.

Uma vez enviados, a nossa ação pastoral desdobra-se em dois movimentos inseparáveis, expressos pelos verbos **kerysso** e **didasko**. O primeiro evoca a figura do antigo pregoeiro real, que erguia a voz na praça pública para proclamar um anúncio oficial e decisivo; o segundo refere-se ao ato de ensinar, de explicar com paciência os caminhos da fé, para que ela crie raízes profundas. São as duas faces da mesma moeda evangelizadora: o anúncio vibrante que inflama o coração e a catequese perseverante que edifica a comunidade. Paulo manteve este equilíbrio perfeito desde o primeiro passo da sua jornada até ao último suspiro em solo romano.

O conteúdo deste anúncio e deste ensinamento não nos pertence. O verdadeiro protagonista é o **Lógos**, a Palavra viva de Deus que faz germinar o Seu Reino de amor, justiça e paz. A Palavra possui uma energia própria,



semelhante a uma semente que, uma vez lançada à terra, tem força para romper o solo e crescer independentemente do repouso do agricultor. Ao contemplarmos a semente lançada em Antioquia a conquistar o coração do Império Romano, recebemos um consolo profundo para o nosso cansaço pastoral: o sucesso da evangelização não repousa sobre os ombros do bispo, do padre ou do catequista. Somos apenas semeadores; o verdadeiro dono da obra é o Senhor.

A semente só germina porque a Igreja é impulsionada pelo **Pneuma Hagion**, o Espírito Santo, belissimamente descrito como o Sopro Sagrado ou o Vento de Deus. O Espírito é a força invisível que quebra rotinas, desinstala e abre caminhos.

Finalmente, toda esta caminhada é coroada por São Lucas com uma palavra estrategicamente colocada no último versículo dos Atos: **akolytos**, que significa “sem impedimento”, “sem correntes”, “sem bloqueios”. Lucas encerra a narrativa com um paradoxo impressionante: Paulo está preso por correntes de ferro, mas o Evangelho corre totalmente livre. Esta palavra deve transformar-se na nossa grande certeza e esperança pastoral para Moçambique hoje. Podemos enfrentar falta de recursos, estradas de terra batida, crises sociais ou o peso do cansaço; mas, quando a missão nasce da docilidade ao Espírito

²⁶ No Novo Testamento há outro verbo para “enviar”: *pempō*. A diferença é importante: *pempō* é enviar de forma simples, sem grande carga teológica. *Apostello* é



Santo, nenhuma força humana consegue colocar algemas na potência salvífica do Evangelho de Cristo.²⁷

III. Mas afinal, porque é que São Lucas fez questão de guardar estas duas histórias?

Se refletirmos com atenção, o livro dos Atos dos Apóstolos possui vinte e oito capítulos repletos de milagres, discursos, viagens e episódios marcantes. Porque terá então São Lucas escolhido iniciar as viagens de Paulo precisamente em Antioquia e concluir o livro de forma tão abrupta, com Paulo preso em Roma?²⁸

Lucas fá-lo por sete razões decisivas, que permanecem como lições vivas para nós:

- **Para assinalar o dia em que a Igreja ganhou asas:** Lucas conserva o episódio de Antioquia para registar o momento exato em que a Igreja deixou de

envio com autoridade, com uma missão específica e que implica deslocação.

²⁷ Ad Gentes (Concílio Vaticano II), 4 diz: “O Espírito Santo é o protagonista da missão.” Se Ele é o protagonista, nenhuma limitação humana pode algemar o Evangelho.

²⁸ Vários autores — como Luke Timothy Johnson, N. T. Wright e C. K. Barrett — mostram que Lucas preserva estas duas histórias porque elas são as “duas portas” da missão: At 13 abre a missão universal; At 28 mostra que a Palavra chega ao coração



ser um pequeno grupo fechado no seu próprio ambiente e assumiu a missão de abraçar o mundo inteiro.

- **Para provar que Paulo não era um “aventureiro”:** Sem o relato de Antioquia, alguém poderia pensar que Paulo viajava por iniciativa pessoal ou teimosia. Lucas preserva este texto para mostrar que a missão de Paulo tem uma certidão de nascimento legítima: nasce da vontade do Espírito Santo e recebe a bênção e o envio da comunidade.
- **Para mostrar que o Evangelho chegou ao coração do mundo:** Ao guardar o final em Roma, Lucas celebra uma vitória geográfica e simbólica. Roma era o centro do mundo conhecido, a capital do Império. Ver o Evangelho a ser anunciado ali equivalia a proclamar: *“A promessa de Jesus cumpriu-se; a Boa Nova alcançou o coração do mundo!”*
- **Para afirmar que ninguém consegue prender Deus:** Lucas deseja transmitir uma lição de esperança. Ao mostrar Paulo acorrentado, mas a Palavra a correr livre, prova que prisões, perseguições e bloqueios humanos jamais conseguirão paralisar o avanço de Deus.
- **Para recordar que os líderes passam, mas a missão permanece:** Lucas termina o livro com Paulo limitado e preso. Porquê? Para ensinar que a

do mundo e continua sem impedimento. Lucas constrói assim um final aberto, para indicar que a missão não termina com Paulo, mas continua agora nas nossas mãos.



super-heróis. Bispos, padres e

catequistas passam; a missão continua viva porque pertence ao Espírito Santo e à comunidade.

- **Para oferecer um espelho à Igreja de todos os tempos:** Lucas conserva estes relatos para que funcionem como espelho. Ao lê-los, a Igreja de hoje deve interrogar-se: *“Somos tão corajosos, tão unidos na oração e tão missionários como as comunidades de Antioquia e de Roma?”*

IV. Porque é que os primeiros cristãos faziam questão de ler estas histórias?

Imaginemos as primeiras comunidades cristãs. Não tinham igrejas com bancos alinhados, nem sistemas de som, nem estruturas organizadas. Reuniam-se nas casas, muitas vezes às escondidas, com medo das perseguições. Porque é que, no meio das suas dificuldades, abriam estes rolos e liam precisamente estas duas passagens?

Faziam-no por razões profundas, que tocavam diretamente a sua vida — e que continuam a tocar a nossa:

- **Para não se esquecerem das suas origens:** Ao lerem o episódio de Antioquia, as primeiras comunidades faziam uma verdadeira viagem ao coração da sua identidade. Recordavam que a Igreja não nasceu para fazer



barulho ou política, mas da oração, do jejum e da intimidade com Deus. Era um antídoto contra o esquecimento das raízes.

- **Para aprenderem a tomar decisões difíceis:** Quando precisavam de escolher um novo líder ou definir um rumo pastoral, não recorriam a votações barulhentas. Olhavam para Antioquia como um manual prático: *primeiro rezar, depois escutar o Espírito Santo, e só então enviar*. Era o guião para decidir bem.
- **Para reacender a chama da esperança:** Imaginemos um cristão humilde — um escravo, um camponês, um artesão. Ao ouvir que o Evangelho tinha entrado em Roma, a capital do Império, o seu coração enchia-se de orgulho santo. Percebia que a sua fé não era insignificante: era uma força capaz de tocar as estruturas mais poderosas do mundo.
- **Para encontrarem consolo no meio das lágrimas:** A vida cristã primitiva era marcada pelo martírio e pela perseguição. Quando o medo apertava, liam o final dos Atos. Ver Paulo preso, mas o Evangelho livre, era um bálsamo espiritual. Pensavam: *"Podem prender o nosso corpo, mas ninguém aprisiona a nossa fé."*
- **Para sacudir o comodismo e o egoísmo:** Havia sempre o risco de as comunidades se fecharem nos seus pequenos problemas internos. Estas leituras funcionavam como um despertador espiritual, lembrando que ser cristão é, por natureza, olhar para fora, caminhar e ir ao encontro do outro.



- **Para dar sentido ao sofrimento:** Quando enfrentavam oposição nas aldeias ou cidades, contemplar as cadeias e naufrágios de Paulo trazia serenidade. Compreendiam que a cruz faz parte do discipulado. Se o grande Apóstolo sofreu por Cristo, também os seus sofrimentos quotidianos tinham valor redentor.
- **Para perceberem que o testemunho passava para as suas mãos:** Esta é a razão mais singular. Lucas termina o livro de forma abrupta, quase como se deixasse a frase suspensa. A Igreja Primitiva lia aquele final aberto e entendia a mensagem: *“A história de Paulo terminou, mas o livro dos Atos não fechou. Agora somos nós que devemos escrever o capítulo seguinte com a nossa própria vida.”*²⁹

V. Teologia da Missão *ad gentes*: O olhar de Deus sobre o mundo

Muitas vezes, quando ouvimos a palavra “Teologia”, imaginamos teorias complexas escritas em livros volumosos. Mas a teologia da missão é profundamente vital e apaixonante: é simplesmente procurar compreender como bate o coração de Deus pelo mundo. Ao contemplarmos a jornada de Paulo, descobrimos quatro verdades fundamentais sobre a missão:

²⁹ A Igreja primitiva lia estas histórias porque nelas reconhecia, numa só linha, o envio pelo Espírito, a força imparável da Palavra e o mandato universal de Cristo que moldava toda a sua missão.



- **A missão não é um projeto humano, é um transbordar de Deus:**
Não fazemos missão porque a teologia o recomenda, nem para encher bancos nas igrejas. A missão é o transbordar do amor de Deus. O Pai ama tanto o mundo que envia o Seu Filho; o Filho ama-nos tanto que nos envia o Espírito Santo; e o Espírito Santo ama tanto a humanidade que impele a Igreja para o mundo. Não somos donos da missão; somos convidados a entrar na corrente viva da Santíssima Trindade.
- **A missão exige o desapego de “sair do próprio quintal”:** Paulo não percorreu milhares de quilómetros para divulgar ideias pessoais ou impor a sua cultura. Fazer missão implica sempre deslocamento: ter a coragem de sair do conforto, da zona de segurança e dos hábitos próprios, para ir ao encontro do outro, respeitando quem ele é. Quem não aceita sair de si mesmo nunca poderá ser missionário.
- **O horizonte de Deus não aceita exclusões:** Quando Jesus afirma: *“Sereis minhas testemunhas até aos confins da terra”*, está a desenhar o mapa do Seu coração. A Igreja não tem o direito de seleccionar quem merece ouvir o Evangelho. Não escolhemos destinatários pela cor da pele, condição social ou simpatia. A missão é universal, acolhe todos e abraça todos. É isto que significa ser verdadeiramente Católica: uma Igreja de braços abertos para o mundo.
-



- **A nossa força mede-se na tempestade, não na bonança:** O livro dos Atos é o maior teste de resiliência da história da Igreja. Lucas mostra que a evangelização não avança quando tudo está fácil, mas no meio de prisões, naufrágios, incompreensões e rejeições. São precisamente estas dificuldades que purificam a fé. É na crise que descobrimos que a vitória não depende das nossas forças, mas da fidelidade de Deus, que sabe escrever direito por linhas tortas.

VI. Espiritualidade Missionária: O estilo e o coração de São Paulo

A missão não se realiza apenas com a inteligência ou com os pés. A missão faz-se, acima de tudo, com o coração. É isso que chamamos espiritualidade. Ao contemplarmos a vida e o testemunho de São Paulo, descobrimos o “estilo” de um verdadeiro homem de Deus, sustentado por quatro pilares fundamentais:

- **O silêncio que vence a correria vazia:** Paulo era um homem de ação, mas rejeitava totalmente o ativismo estéril. Sabia que correr de um lado para o outro sem rumo não produz fruto. Por isso, a sua primeira atitude era o silêncio orante: dobrava os joelhos, rezava profundamente e alimentava a sua intimidade com Deus no seio da comunidade. A sua eficácia pastoral nascia da profundidade da sua oração.



- **A audácia de caminhar em direção ao desconhecido:** Se havia algo que Paulo desconhecia, era o medo de arriscar. Possuía uma coragem santa para atravessar fronteiras. Não esperava que as pessoas fossem ter com ele; era ele quem saía. Entrava nas praças barulhentas, nas sinagogas cheias de debate e até em ambientes hostis, onde o nome de Jesus nunca tinha sido pronunciado. A espiritualidade de Paulo convida-nos a perder o medo do desconhecido e a caminhar com confiança para onde Cristo ainda não está presente.
- **Correntes de ferro que não prendem a alma:** Este é um dos testemunhos mais impressionantes do Apóstolo. No final dos Atos, vemos Paulo numa casa-prisão em Roma: o corpo limitado, mas a alma totalmente livre. Nenhuma autoridade humana, nenhuma ameaça e nenhuma corrente de ferro conseguiu aprisionar o seu espírito. Esta liberdade interior absoluta brotava da sua fidelidade inabalável ao Evangelho. Quem está cheio de Deus é livre em qualquer lugar do mundo.
- **Olhar o mundo com os olhos da esperança:** Onde muitos viam uma parede, um fracasso ou um ponto final, Paulo conseguia ver uma oportunidade para a graça de Deus. Não era um otimista ingénuo; era um homem de esperança ativa. Sabia que Deus é especialista em transformar sepulturas em ressurreição e prisões em plataformas de anúncio. A espiritualidade
-



missionária de Paulo ensina-nos a nunca desistir das pessoas nem das situações, porque, para Deus, há sempre um futuro cheio de luz e de graça.

VII. Pastoral da Missão: O que é que o Espírito Santo pede à Igreja em Moçambique hoje?

Depois de contemplarmos a teologia da missão e o coração espiritual de São Paulo, chegamos ao momento de olhar para o espelho. O livro dos Atos dos Apóstolos não foi escrito para nos comover com o passado, mas para nos despertar no presente. Quando colocamos lado a lado as comunidades de Antioquia e de Roma e a realidade da nossa Igreja, descobrimos cinco grandes desafios e compromissos para Moçambique hoje:

- **Despertar o gigante adormecido do nosso batismo:** É urgente compreender que a missão *ad gentes* não é tarefa exclusiva de padres, religiosas ou alguns leigos especializados. A missão é a vocação natural e obrigatória de todos os batizados. Não existem cristãos de primeira classe que evangelizam e cristãos de segunda classe que apenas assistem. Cada fiel — na família, no trabalho, na comunidade — é um missionário enviado por Deus.³⁰

-

³⁰ Ver At 13,2-4; At 12,24; At 19,20; At 28,31; Mt 28,19; Lc 24,47; At 1,8; Jo 20,21.



- **Transformar as nossas paróquias em novas “Antioquias”:** Se olharmos com sinceridade para a nossa ação pastoral, percebemos que muitas vezes as reuniões e decisões são marcadas pela pressa, pela discussão humana ou pela rotina do “fazer por fazer”. As nossas paróquias precisam de imitar Antioquia: parar, rezar, jejuar, escutar o Espírito Santo antes de qualquer plano ou atividade. Sem oração, a pastoral torna-se barulho vazio.
- **Caminhar decididamente para os nossos próprios “confins da terra”:** Jesus desafia-nos a ir até aos confins do mundo, e esses confins estão muitas vezes ao nosso lado. São as periferias reais e simbólicas. A Igreja em Moçambique é chamada a sair do conforto das secretarias paroquiais para ir ao encontro dos mais vulneráveis: os pobres, os jovens sem rumo, as famílias feridas, as zonas rurais isoladas onde a fé raramente chega. É aí que Cristo nos espera.
- **Evangelizar com profundo respeito pelas nossas culturas:** A evangelização não pode ser uma imposição fria de fórmulas prontas. Como Paulo nas praças gregas, a Igreja em Moçambique deve construir pontes através do diálogo sincero e da escuta das ricas tradições do nosso povo. Evangelizar aqui significa encarnar o Evangelho na realidade moçambicana, fazendo com que a fé fale a nossa língua, sinta a nossa alegria e dance com o ritmo do nosso coração.
-



- **Anunciar o Evangelho “sem impedimento”, mesmo na tempestade:** Todos conhecemos os desafios sociais, económicos e eclesiais que o país enfrenta. O desânimo e o medo batem muitas vezes à porta das comunidades. Mas a lição de Paulo em Roma é clara: as correntes dos homens não amarram a Palavra de Deus. Diante de qualquer crise, a Igreja não pode calar-se nem recuar. Deve anunciar o Reino com audácia, desassombro e esperança, sabendo que, com o Espírito Santo, avançaremos sempre sem impedimento.
- **Reacender uma consciência missionária nacional**

Moçambique precisa de cultivar uma cultura onde cada diocese, cada paróquia e cada família se reconheça como fonte de vocações missionárias. Isto implica: promover regularmente jornadas missionárias, inserir a dimensão *ad gentes* na catequese e na pastoral juvenil, apresentar testemunhos de missionários moçambicanos, despertar nos jovens o desejo de servir além-fronteiras. A missão começa só quando o povo descobre que ser cristão é ser enviado.

Conclusão

À luz do caminho que vai de Antioquia a Roma, a Igreja em Moçambique é chamada a reconhecer que a missão não é apenas uma tarefa, mas uma identidade. O mesmo Espírito que enviou Paulo para o mundo e que sustentou



a Palavra “sem impedimento” no coração do Império continua hoje a abrir portas, a mover corações e a conduzir a Igreja para horizontes maiores.

Vivemos tempos exigentes, mas profundamente fecundos. Entre fragilidades sociais, desafios pastorais e novas fronteiras culturais, a missão permanece como o lugar onde Deus recria a esperança. Não somos uma Igreja que espera; somos uma Igreja que parte. Não somos uma Igreja que se resigna; somos uma Igreja que anuncia. Não somos uma Igreja fechada; somos uma Igreja enviada.

Por isso, o apelo que emerge destas páginas bíblicas é claro e urgente: **deixar que o Espírito nos desinstale, nos purifique, nos fortaleça e nos envie.** A missão não começa quando estamos prontos; começa quando nos deixamos conduzir. E quando a Igreja se põe a caminho, Moçambique transforma-se, as comunidades renovam-se, e o Evangelho encontra novas moradas. **A missão continua. A porta está aberta. O Espírito espera o nosso “sim”.**

Perguntas de aprofundamento

1. Como é que a Igreja em Moçambique pode passar de uma pastoral de manutenção para uma verdadeira pastoral missionária ad gentes, capaz de gerar, formar e enviar missionários para além das suas fronteiras?



2. *Que passos concretos são necessários para que as comunidades cristãs — paróquias, famílias, movimentos — assumam que a missão ad gentes não é apenas tarefa de alguns, mas responsabilidade de todo o povo de Deus?*

3. *Que obstáculos — culturais, económicos, espirituais ou institucionais — sentimos hoje que dificultam o envio missionário para além-fronteiras, e como podemos enfrentá-los juntos como Igreja?*

Leituras recomendadas

1. Ad Gentes, Conc. Vat. II
2. Paulo VI — *Evangelii Nuntiandi* (1975)
3. João Paulo II — *Redemptoris Missio* (1990)
4. Papa Francisco — *Evangelii Gaudium* (2013)
5. Nadi Maria de Almeida & Victor Dunne (2020), "Reflexão teológico-pastoral a partir do decreto *Ad Gentes*" *Revista de Cultura Teológica*, PUC-SP.
6. Nadi Maria de Almeida (2021), "A Missão *Ad Gentes*: em torno da renovação do Vaticano II" *Estudos Teológicos*, v. 60, n. 3.
7. Charles Câmara (2025), "Surgimento e impacto de *Ad Gentes*: sobre a atividade missionária da Igreja" *Eclesialidade & Missão*, Repam-Brasil.
8. Antonio Spadaro (2022), "A Igreja em saída: horizontes missionários do Papa Francisco" *La Civiltà Cattolica*.



Sexto tema:

MISSÃO EM TEMPOS DIFÍCEIS

Pe. Jeremias dos Santos Moisés

6º Dia: Sábado, 19 de setembro de 2026

1. Introdução

Para iluminar este tema, teremos diante de nós o relato da prisão de Paulo e Silas em Filipos (Act 16,25-34), que é um dos episódios mais emblemáticos dos Actos dos Apóstolos. No meio de perseguições e injustiças, os missionários demonstram que a missão cristã não depende de circunstâncias favoráveis, mas da fidelidade a Deus e ao Evangelho. Este episódio revela que a oração e o testemunho podem transformar situações de opressão em oportunidades de evangelização. Procuraremos analisar o texto no seu contexto histórico, teológico e pastoral-missionário, destacando sua relevância para a nossa Igreja.

Act 16,25-34

25 Perto da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus, e os outros presos os escutavam. 26 De repente, sobreveio um tão grande



terremoto, que os alicerces do cárcere se moveram; logo se abriram todas as portas, e foram soltas as prisões de todos.

27 Acordando o carcereiro e vendo abertas as portas da prisão, puxou da espada e quis matar-se, cuidando que os presos já tinham fugido.

28 Mas Paulo clamou com grande voz, dizendo: Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos.

29 E, pedindo luz, saltou dentro e, todo trêmulo, se prostrou diante de Paulo e Silas.

30 E, tirando-os para fora, disse: Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?

31 E eles disseram: Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa.

32 E lhe pregavam a palavra do Senhor, e a todos os que estavam em sua casa.

33 E, tomando-os ele consigo naquela mesma hora da noite, lavou-lhes as feridas; e logo foi batizado, ele e todos os seus.

34 Então, levando-os à sua casa, lhes pôs a mesa; e, com toda a sua casa, alegrou-se muito de haver crido em Deus.

2. Contexto histórico e bíblico

O texto se insere na Segunda Viagem Missionária de Paulo, descrita em Act 15-18. Nos encontramos mais precisamente em Filipos, uma colônia romana,



estrategicamente localizada na Macedônia, com forte presença militar e cultural³¹. Paulo e Silas foram presos injustamente após libertarem uma jovem explorada por adivinhação (Act 16,16-18). A reação dos proprietários, motivada por interesses econômicos, levou à acusação pública e ao encarceramento dos missionários³².

Na prisão, açoitados e acorrentados, Paulo e Silas rezavam e cantavam hinos a Deus. À meia-noite, um terremoto abriu as portas e soltou as correntes. O carcereiro, tomado de medo, perguntou: "Senhores, que devo fazer para ser salvo?" (Act 16,30). A resposta de Paulo foi clara: "Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua família" (Act 16,31). O episódio culmina na conversão e batismo do carcereiro e de sua casa, revelando a força transformadora da missão³³.

Este contexto mostra que a missão nasce da fidelidade e da confiança em Deus, mesmo em meio à dor e à perseguição.

3. A missão em tempos difíceis

³¹ Cf. Bruce, F. F. *The Acts of the Apostles*. Grand Rapids: Eerdmans, 1990, p. 312

³² Dunn, J. D. G. *The Acts of the Apostles*. Grand Rapids: Eerdmans, 2016, p. 215

³³ Fitzmyer, J. A. *The Acts of the Apostles: A New Translation with Introduction and Commentary*. New Haven: Yale University Press, 1998, p. 580.



a) O testemunho na adversidade

A prisão não silenciou os apóstolos. Pelo contrário, tornou-se espaço de evangelização. A oração e o louvor revelam que a fé não é anulada pela dor, mas se fortalece nela. O testemunho em meio à adversidade torna-se sinal para os outros, como os prisioneiros que escutavam e o carcereiro que se converteu³⁴.

Este aspecto mostra que a missão não é apenas anúncio verbal, mas testemunho existencial. A coerência entre fé e vida é o que dá credibilidade ao Evangelho.

b) A força da comunidade e da solidariedade

O terramoto simboliza não apenas libertação física, mas também espiritual. O carcereiro, antes opressor, torna-se irmão na fé. A missão gera reconciliação e novas relações humanas. A comunidade cristã nasce em lugares improváveis, mostrando que a graça de Deus não conhece barreiras³⁵ e a dor e o sofrimento podem ser terrenos férteis para anunciar a Boa Nova.

³⁴ Schnabel, E. J. *Paul the Missionary*. Downers Grove: IVP Academic, 2008, p. 142

³⁵ Keener, C. S. *Acts: An Exegetical Commentary*. Grand Rapids: Baker Academic, 2013, vol. 3, p. 2450



A solidariedade se manifesta quando Paulo e Silas permanecem na prisão, evitando que o carcereiro se suicide. A missão, portanto, não busca apenas libertação pessoal, mas também cuidado com o outro.

c) Actualidade da mensagem

Em tempos de perseguição, crises socio-políticas ou pandemias, a Igreja é chamada a ser presença de esperança. A missão não é interrompida pelas dificuldades; ao contrário, torna-se mais autêntica. O testemunho cristão hoje exige coragem, oração e solidariedade, como Paulo e Silas demonstraram³⁶.

Mais esclarecedor é a propósito S. Gregório Magno: *os justos têm isto de próprio: na dor de suas atribuições, não abandonam o interesse pelo bem do outro; e, sofrendo, estão atentos a ensinar o necessário aos outros e sofrem como grandes médicos doentes. Em si toleram as feridas profundas e prescrevem a outros os medicamentos salutareis.* (Lib 3,39-40)

Assim, o texto bíblico ilumina a realidade contemporânea, convidando os cristãos a viverem sua fé com ousadia e confiança, mesmo em contextos adversos.

³⁶ Moloney, F. J. *The Acts of the Apostles: A Commentary*. Peabody: Hendrickson, 2005, p. 276.



4. Aplicações pastorais

- **Na comunidade:** mesmo em momentos de divisão ou escassez, a missão deve continuar.
- **Na família:** como o carcereiro, cada lar pode tornar-se espaço de fé e salvação.
- **Na sociedade:** a Igreja é chamada a ser voz profética diante das injustiças.
- **Na vida pessoal:** cada cristão é convidado a transformar suas "prisões" (dores, limitações, fracassos) em oportunidades de testemunho.

A vida cristã é um testemunho contínuo do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. E isto se torna ainda mais real quando atravessamos momentos difíceis, seja em família, no trabalho ou na falta dele, na política, no desporto, etc, na doença, na dor, na prisão, na fome, na sede, etc.

5. Conclusão

O relato de Atos 16,25-34 ensina que a missão não depende de circunstâncias favoráveis, mas da firmeza da fé em Deus e na fidelidade ao Evangelho. Paulo e Silas mostram que, mesmo em tempos difíceis, a oração e o testemunho podem abrir portas e corações. A missão cristã é, portanto, um chamamento



permanente a anunciar a esperança, transformar vidas e proclamar que “Jesus Cristo é o Senhor” em qualquer situação.

O episódio de Filipos continua a inspirar a Igreja a viver sua missão com coragem e confiança, lembrando que a força do Evangelho se manifesta, sobretudo, nas situações de maior fragilidade.

6. Pergunta missionária para partilha

•O que permite a Paulo e Silas vencerem o medo, o sofrimento e a dor, para darem testemunho de Cristo, com a sua oração em voz alta e o batismo do carcereiro e sua família?

7. Compromisso prático coletivo

•Que a nossa Igreja, nas suas dores e angústias, seja um lugar de contínuo anúncio da Boa Nova, um lugar de salvação para todos. Pensemos em situações de doença, de morte, de conflitos sociais ou políticos, na necessidade de entrar nessas “prisões” e evangelizar.

8. Perguntas de aprofundamento

1. O que mais nos tem colocado em crise nós também como Igreja e que dificulta o anúncio do Evangelho a todo o momento (fome, sede, pobreza, falta de liberdade, ignorância)?



2. Como preparar os nossos cristãos, sobretudo na catequese, para serem missionários corajosos de Cristo em todas as circunstâncias?
3. Como despertar nos cristãos mais antigos este ardor renovado pela missão e a coragem de anunciar a Boa Nova em tempos difíceis? (para que não recorram por exemplo as seitas ou aos curandeiros em busca de resposta)





ENCERRAMENTO DA SEMANA BÍBLICA NACIONAL:

Domingo, 20 de Setembro de 2026

Encerramento durante celebração eucarística

Recomenda-se que todos os cristãos levem a Bíblia

1. A Bíblia já deverá estar colocada num lugar de destaque diante do altar.
2. Na homilia fazer alusão à necessidade de adotar a esperança como uma virtude que deve permear toda a vida do cristão.
3. Antes da bênção final, a assembleia de pé, levanta as bíblias, e o sacerdote preside à oração de compromisso.

Encerramento em família/comunidade religiosa/outros grupos

(Preparar um pequeno altar e colocar a Bíblia, cruz, vela, flores, terço, etc.)

1. Canto inicial
2. Sinal da cruz
3. Canto de perdão



4. Leitura de Lc 24:46-48

5. Canto

6. Partilha

7. Preces espontâneas

8. Ave Maria

Pai-Nosso

9. Os presentes saem do interior da casa e colocam-se de pé fora da porta de entrada e, todos

com as Bíblias levantadas, recita-se a oração da SEBINA.

10. Bênção: *O Senhor te abençoe e te guarde! O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face e te*

favoreça! O Senhor volte para ti a sua face e te dê a paz! (Nm 6,24-26). Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo. Ámen.

Vamos em paz, que o Senhor nos acompanhe! Graças a Deus

11. Canto final



ORAÇÃO DE COMPROMISSO COM A PALAVRA DE DEUS

O sacerdote/animador da celebração lê e os fiéis repetem ou recitam todos juntos com as Bíblias levantadas)

Senhor Jesus, Verbo Eterno, que pregastes por toda a parte o Evangelho da vida:

Dou-Vos graças

pela Vossa Palavra que ilumina os meus passos.

Aberto ao Espírito Santo, quero testemunhar a

Fé, a Esperança e o Amor.

Confiante na Sabedoria

da Vossa Palavra,

comprometo-me a conhecer,

amar, viver

e anunciar

a mensagem contida na Sagrada Escritura,

para que todas as pessoas vejam a Vossa Salvação. Amen!



HI NO DA SEMANA BÍBLICA

A Palavra do Senhor

R/ A palavra do Senhor permanece hoje e sempre,
Quem a pratica viverá eternamente (X2)
Se com a tua boca confessares que Jesus ressuscitou, e com o teu coração
creres que Deus o ressuscitou, serás salvo.

1. A lei está bem perto de ti.... Abre a bíblia.

A lei está bem perto de ti... Lê-la com fé.

A lei está bem perto de ti.

2. A palavra está junto de ti.... Na tua boca.

A palavra está junto de ti.... No teu coração.

A palavra está junto de ti.

3. A palavra de fé que pregamos... É de salvação. A

palavra de fé que pregamos.... Ao mundo inteiro.

A palavra de fé que pregamos.





Departamento para a Missão e Evangelização
Comissão Episcopal de Pastoral Bíblica



Oração da *Semana Bíblica Nacional* - 2026 -

Pai Santo, nós Vos damos graças pelo dom da Vossa Palavra que está muito perto de nós. Ela é lâmpada para os nossos pés e luz para o nosso caminho, através dos séculos. Concedei-nos a graça de acolhê-La com fé, esperança e espírito missionário.

Jesus, Verbo de Deus, fazei que as nossas vidas sejam transformadas e guiadas pelo Vosso Evangelho de amor, paz e reconciliação.

Espírito Santo, Vós que inspiraste os autores sagrados e animastes os apóstolos a testemunhar a ressurreição de Cristo, iluminai as nossas mentes e os nossos corações para podermos compreender e anunciar o Evangelho da vida.

Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, modelo de escuta e obediência, intercedei por nós, para podermos fazer o que Jesus, Vosso Filho, nos disser. Amén

